

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

FERNANDA REGINA PEREIRA DUARTE

**NOVA FRIBURGO: UM ESTUDO SOBRE IDENTIDADE  
URBANÍSTICA**

BRASÍLIA – DF

2009

FERNANDA REGINA PEREIRA DUARTE

NOVA FRIBURGO: UM ESTUDO SOBRE IDENTIDADE URBANÍSTICA

Dissertação de Mestrado

Orientação: Professor Doutor Frederico Rosa Borges de Holanda

BRASÍLIA – DF

2009

Esta dissertação foi apresentada como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, outorgado pela Universidade de Brasília.

Banca Examinadora:

---

Prof. Frederico Rosa Borges de Holanda, FAU-UnB  
(Presidente)

---

Prof. Luiz Pedro de Melo César, FAU-UnB  
(Membro)

---

Prof<sup>a</sup>. Marília Luiza Peluso, GEA-UnB  
(Membro externo)

---

Prof. Andrey Rosenthal Schlee, FAU-UnB  
(Suplente)

Ao Carlos Dunham Maciel Siaines de Castro, meu marido e grande incentivador de  
minhas conquistas, por nossa história,  
pois sem ela não teria chegado onde cheguei.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me ajudaram, conhecidos ou desconhecidos, que de alguma forma estiveram ao meu lado neste trabalho, desde palavras de apoio até informações pertinentes ao tema que contribuíram em muito para a elaboração desta dissertação. A todos eles o meu mais sincero obrigado e a particularmente:

A Deus por me dar força e objetividade.

Aos meus pais por acreditarem em mim e apoiarem todos os meus sonhos por mais loucos que pudessem parecer e por terem contribuído em muito para pessoa que sou hoje. E a minha irmã por todo carinho e apoio dado não apenas nesta dissertação, mas em toda minha vida.

Ao Carlos, meu marido e minha vida, por todo apoio incondicional não apenas neste trabalho, mas em toda nossa história. Por toda paciência, confiança, amizade e sobre tudo por acreditar em mim e me encorajar a cada momento de esmorecimento desta jornada. Obrigada não apenas por estar ao meu lado neste momento, mas por fazer parte de minha vida, me fazendo sempre olhar adiante e lutar por meus sonhos.

Ao meu orientador Prof. Frederico de Holanda, por todo apoio dado, me incentivando e acreditando em meu trabalho.

A minha sogra por todas as palavras de incentivo e por acreditar em minha capacidade em todos os momentos desta jornada. E ao meu sogro por estar ao meu lado, me ajudando no início.

A Secretaria da Fazenda do Município de Nova Friburgo, na pessoa de Pedro Higgins Ferreira de Lima, ao Pró Memória e ao Departamento do Plano Diretor Participativo do Município de Nova Friburgo pela disponibilização de dados.

Aos professores do PPG-FAU da UnB pela contribuição para a minha formação e em especial aos Professores Marília Peluso (GEA-UnB), Luiz Pedro Cesar (FAU-UnB) e Andrey Schlee (FAU-UnB) por todos os comentários pertinentes que contribuíram para o amadurecimento desta dissertação.

Aos amigos que fiz aqui em Brasília por fazer deste período mais ameno e divertido. Em especial a Alessandra Araújo e Carolina Borges por todo o companheirismo, amizade e apoio desde o início desta jornada e por me fazerem acreditar que sempre as terei ao meu lado. E a Gabriela Tenório e a Gisele Mansini por toda palavra de compreensão, carinho, incentivo e aconselhamento em momentos difíceis e por terem se tornado pessoas muito importantes nesta caminhada.

E finalmente, aos meus amigos do Rio e parentes, pela torcida, palavras de incentivo e compreensão pela minha ausência. Em especial a Miriam Christiane de Paula e a Tereza Meliande por me fazerem acreditar em minha força e capacidade na etapa final deste trabalho.

Todos vocês de alguma maneira contribuíram para este resultado.

## RESUMO

O presente trabalho visa caracterizar a identidade local de uma cidade por meio da análise da configuração do espaço mediante os aspectos estético, topoceptivo e sociológico de desempenho da arquitetura. Aqui identidade será tratada como a qualidade do lugar que o caracteriza como um elemento único, diferenciado dos demais em todos os sentidos, enquanto que a arquitetura da cidade será tratada como um artefato que impacta a vida de seus usuários e o meio ambiente, podendo-se portanto analisar a forma-espaço da cidade por vários aspectos dentre eles o estético, o topoceptivo e o sociológico, utilizados aqui para caracterizar a identidade de uma cidade. O aspecto estético analisa se o lugar é belo, enquanto que o topoceptivo analisa se o lugar oferece boas condições para a orientabilidade e o sociológico analisa se a configuração espacial apresenta condições desejáveis de indivíduos ou grupos se locomoverem por ela ou freqüentarem os lugares públicos. Utilizar-se-á como estudo de caso a cidade de Nova Friburgo, localizada no estado do Rio de Janeiro. O trabalho lidará com variáveis formal-espaciais e variáveis sociais. As variáveis formal-espaciais dizem respeito à configuração dos cheios (edifícios) e vazios (lugares públicos) e serão trabalhadas mediante a utilização de categorias analíticas dos três aspectos de desempenho da arquitetura escolhidos. As variáveis sociais dizem respeito à avaliação, à percepção e à apropriação do espaço, por seus usuários e serão trabalhadas mediante informações retiradas de questionário aplicado à população. Acredita-se que a caracterização da identidade e sua posterior valorização podem contribuir para a melhoria do espaço público, e para sua requalificação quando degradados.

**PALAVRAS-CHAVE:** configuração espacial, identidade, Nova Friburgo.

## ABSTRACT

The present work looks for to characterize the local identity of a city through the analysis of the configuration of the space by means of the aesthetic, *topoceptive* and sociological aspects of the performance of the architecture. The term “identity” must be interpreted in this work, as the quality of a place that characterizes its as a unique element, differentiated by the others in all the directions, while the term “architecture of the city” will be treated as a device that influences the life of its users and the environment, being able therefore to analyze the form-space of the city for some aspects amongst them: the aesthetic, the *topoceptive* and the sociological, used here to characterize the identity of a city. The aesthetic aspect analyzes if the place is beautiful, while the *topoceptive* analyzes if the place offers good conditions to the orientation and finally, the sociological analyzes if the spatial configuration presents desirable conditions to individuals or groups to move themselves for it or to frequent the public places.

It will be used like case study Nova Friburgo, a city located in the state of Rio de Janeiro. The work will deal with these variables: space, form and social. The space and form variables analyze the configuration of fulls (builds) and empties (public places) and will be worked by means of the use of analytical categories of the three aspects of performance of the architecture chosen.

The social variables treats the evaluation, perception and appropriation of the space by its users and will be worked by means of information removed of questionnaire applied to the population. It’s believed that the characterization of the identity and its posterior valuation can contribute for the improvement of the public space, and for its requalification when degraded.

**KEY-WORDS:** spatial configuration, identity, Nova Friburgo.



## SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE TABELAS

**INTRODUÇÃO** .....01

**CAPÍTULO I - SOBRE IDENTIDADE, VISÕES DE MUNDO E IMAGEM DA CIDADE**  
..... 08

1.1. O que é arquitetura? .....09

1.2. A Cidade, a Imagem da Cidade e as Visões de Mundo ..... 10

1.3. Lugar, Identidade do Lugar e seus Elementos Estruturais ..... 12

1.3.1. O Conceito de Lugar para a Geografia Humanística ..... 13

1.3.2. O Conceito de Lugar para a Psicologia Ambiental ..... 15

1.3.3. O Conceito de Lugar para a Filosofia ..... 17

1.3.4. O Conceito de Lugar para a Arquitetura e Urbanismo ..... 19

1.3.5. O Lugar e a Identidade ..... 22

1.4. Conceituação da metodologia empregada ..... 23

**CAPÍTULO II - CONCEITOS, MÉTODOS E TÉCNICAS** ..... 25

2.1. Estética ..... 26

2.1.1. Aspectos Teóricos ..... 26

2.1.2. Aspectos Metodológicos ..... 28

2.1.3. Categorias Analíticas ..... 29

2.1.4. Aspectos Técnicos ..... 39

2.2. Topocepção ..... 39

2.2.1. Aspectos Teóricos ..... 39

2.2.2. Aspectos Metodológicos ..... 43

2.2.3. Categorias Analíticas ..... 44

2.2.4. Aspectos Técnicos ..... 48

2.3. Sintaxe Espacial ..... 49

2,3.1. Aspectos Teóricos .....	49
2.3.2. Aspectos Metodológicos .....	50
2.3.3. Categorias Analíticas .....	50
2.3.4. Aspectos Técnicos .....	59
2.4. A Interligação entre a Estética, a Topocepção e a Sintaxe Espacial .....	59
2.5. A apresentação do Estudo de Caso .....	60
<b>CAPÍTULO III - A IDENTIDADE NA EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DE NOVA FRIBURGO .....</b>	<b>69</b>
3.1. A Formação de Nova Friburgo ou Utopicamente “Suíça Brasileira” .....	69
3.2. Construindo a “Torre de Babel” e a sua Desperdiçada Belle Époque .....	75
3.3. A Industrialização, a Expansão da Urbanização e o Abandono da Preservação das Belezas Naturais .....	87
3.4. Cidade da Moda Íntima: A Ruptura e a Retomada .....	94
3.5. A Configuração da Cidade nos Dias Atuais .....	96
<b>CAPÍTULO IV - SOBRE OS ELEMENTOS CONFIGURACIONAIS DO ESPAÇO E SEUS IMPACTOS .....</b>	<b>110</b>
4.1. A Leitura da Configuração do Centro por Meio dos Aspectos da Arquitetura Escolhidos .....	110
4.1.1. A Análise do Aspecto Estético da Forma-Espaço Estudada .....	110
4.1.2. A Análise do Aspecto Topoceptivo da Forma-Espaço Estudada .....	140
4.1.2.1. Análise Topoceptiva – Aplicação das Categorias Topoceptivas .....	140
4.1.2.2. Questionários .....	147
4.1.3. A Análise do Aspecto Sociológico da Forma-Espaço Estudada .....	155
4.1.3.1 - Segregação vs Integração Física das Partes entre Si, e entre Elas e o Todo da Cidade: .....	155
4.1.3.2 - Distribuição das atividades no espaço urbano .....	163
4.1.3.3 – Comparação de resultados .....	169
4.2. Diagnóstico e Identidade do Centro da Cidade .....	169
4.2.1. Compilação dos Dados de Análise – Caracterização da Configuração da Cidade e seu Diagnóstico .....	169
4.2.2. A identidade .....	172
4.2.3. Hipótese Explicativa .....	174

<b>CONCLUSÃO</b> .....	176
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	179
<b>ANEXO I - QUESTIONÁRIOS</b> .....	185
<b>ANEXO II – COMPILAÇÃO DE DADOS DO QUESTIONÁRIO I</b> .....	191

## LISTA DE FIGURAS<sup>1</sup>

<b>Fig.01</b> - Mapa do Estado do Rio de Janeiro .....	61
Fonte: <a href="http://www.cide.rj.gov.br">www.cide.rj.gov.br</a>	
<b>Fig.02</b> - Área de Influência do Município de Nova Friburgo .....	61
Fonte: Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.	
<b>Fig.03</b> - Mapa de Relevo do Município de Nova Friburgo .....	62
Fonte: Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.	
<b>Fig.04</b> - Mapa de Bacias Hidrográficas e Área de Conservação do Município de Nova Friburgo .....	63
Fonte: Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.	
<b>Fig.05</b> - Gráfico População dos Distritos .....	63
<b>Fig.06</b> - Mapa dos Distritos de Nova Friburgo .....	64
Fonte: Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.	
<b>Fig.07</b> - Gráfico População Urbana x Rural nas Bacias Hidrográficas .....	65
<b>Fig.08</b> - Mapa dos eixos viários do município de Nova Friburgo com a demarcação da área de estudo .....	65
Fonte: Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.	
<b>Fig.09</b> - Mapa de demarcação do objeto de estudo .....	66
Fonte: Planta cadastral município Nova Friburgo – Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.	
<b>Fig.10</b> – Ilustração da área de estudo .....	68
Fonte: Secretaria de Fazenda do Município de Nova Friburgo – Org.: DUARTE, Fernanda.	
<b>Fig.11</b> - Projeto da Coroa para instauração da Vila de Nova Friburgo, 1820 .....	72
Fonte: Plano Diretor – Prefeitura de Nova Friburgo/ Org. DUARTE, Fernanda.	
<b>Fig.12</b> - Configuração real de Nova Friburgo em 1820 .....	73
Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.	
<b>Fig.13</b> - Cópia de um quadro em aquatinta, de J. Steimann, em 1830 .....	73
Fonte: Acervo Digital Kastro.	
<b>Fig.14</b> - Mapa de loteamento dos terrenos agrícolas distribuídos pela Coroa .....	74
Fonte: Pró-Memória.	
<b>Fig.15</b> - Mapa de Nova Friburgo em 1830 .....	76
Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.	
<b>Fig.16</b> - Mapa de Nova Friburgo em 1840 .....	77
Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.	

<sup>1</sup> Figuras em relação às quais não foi feita indicação de fonte, pertencem ao arquivo pessoal do autor.

<b>Fig.17</b> - Mapa de Nova Friburgo em 1860 .....	78
Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.	
<b>Fig.18</b> - Jardins do Parque São Clemente .....	78
Fonte: Acervo Digital Kastro.	
<b>Fig.19</b> - Igreja da Matriz .....	78
Fonte: Acervo Digital Kastro.	
<b>Fig.20</b> - Mapa de Nova Friburgo em 1870 .....	79
Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.	
<b>Fig.21</b> - Ramal ferroviário, Av. General Argolo, Séc. XX .....	80
Fonte: www.friweb.com.br	
<b>Fig.22</b> - Ramal ferroviário, Av. General Argolo, Séc. XX .....	80
Fonte: www.friweb.com.br	
<b>Fig.23</b> - Ramal ferroviário, Av. General Argolo, Séc. XX .....	80
Fonte: www.friweb.com.br	
<b>Fig.24</b> - Vista do Morro da FONF .....	81
Fonte: Pró-Memória	
<b>Fig.25</b> - Chaminé da caldeira geradora de vapor do Instituto Sanitário Hidroterápico .....	81
Fonte: Acervo Digital Kastro.	
<b>Fig.26</b> - Praça XV de Novembro .....	82
Fonte: Acervo Digital Kastro.	
<b>Fig.27</b> - Colégio Anchieta .....	83
Fonte: Acervo Digital Kastro.	
<b>Fig.28</b> - Mapa de Nova Friburgo em 1890 .....	85
Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.	
<b>Fig.29</b> - Teatro D. Eugênia .....	86
Fonte: Acervo Digital Kastro .	
<b>Fig.30</b> - Mapa de Nova Friburgo no início do século XX .....	88
Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.	
<b>Fig.31</b> – Vista do início do séc.XX .....	89
Fonte: Pró-Memória.	
<b>Fig.32</b> – Vista do ano de 2004 .....	90
<b>Fig.33</b> – Vista do ano de 1910 .....	90
Fonte: Acervo Digital Kastro.	
<b>Fig.34</b> – Vista do ano de 2004 .....	91
<b>Fig.35</b> – Vista do ano de 1930 .....	92

Fonte: Acervo Digital Kastro.

<b>Fig.36</b> – Vista do ano de 2008 .....	92
<b>Fig.37</b> - Vista da década de 60 do século XX .....	93
Fonte: Pró-Memória.	
<b>Fig.38</b> - Vista do ano de 2006 .....	93
<b>Fig.39</b> - Vista por volta de meados do século XX .....	94
Fonte: <a href="http://www.friweb.com.br">www.friweb.com.br</a> .	
<b>Fig.40</b> - Vista do ano de 2007 .....	94
<b>Fig.41</b> - Vista do ano de 2007 .....	94
<b>Fig.42</b> - Mapa de configuração atual da área de estudo .....	97
Fonte: Secretaria da Fazenda do Município de Nova Friburgo. Org.: DUARTE, Fernanda.	
<b>Fig.43</b> - Adensamento de edificações sobre a encosta dos morros da região .....	97
<b>Fig.44</b> - Adensamento de edificações sobre a encosta dos morros da região .....	97
<b>Fig.45</b> - Mapa de sobreposição do traçado do início do século XX com o do século XXI .....	99
Fonte: Planta cadastral - Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.	
<b>Fig.46</b> - Tipos de Configuração do Centro de Nova Friburgo.....	111
Fonte: Secretaria da Fazenda de Nova Friburgo. Org.: DUARTE, Fernanda.	
<b>Fig.47</b> - Traçado do Centro de Nova Friburgo – Mapa de Vazios.....	112
Fonte: Secretaria da Fazenda de Nova Friburgo – Org.: DUARTE, Fernanda.	
<b>Fig.48</b> - Alameda central da Praça Getúlio Vargas .....	114
<b>Fig.49</b> - Alameda lateral de circulação de pedestres .....	114
<b>Fig.50</b> - Alameda central com o coreto ao fundo .....	114
<b>Fig.51</b> - Chafariz localizado na alameda central da praça .....	114
<b>Fig.52</b> - Planta da Praça Getúlio Vargas .....	114
<b>Fig.53</b> - Perfil esquemático Praça Getúlio Vargas próximo rodoviária urbana .....	114
<b>Fig.54</b> - Perfil esquemático Praça Getúlio Vargas próximo Praça Demerval Barbosa Moreira .....	115
<b>Fig.55</b> - Área de lazer – Praça Demerval Barbosa Moreira .....	116
<b>Fig.56</b> - Área de Lazer da Praça Demerval Barbosa Moreira .....	116
<b>Fig.57</b> - Área de circulação e estar da Praça Demerval Barbosa Moreira .....	116
<b>Fig.58</b> - Planta da Praça Demerval Barbosa Moreira .....	116
<b>Fig.59</b> - Perfil da Praça Demerval Barbosa Moreira .....	116
<b>Fig.60</b> - Praça do Suspiro .....	117
<b>Fig.61</b> - Teleférico inserido na praça .....	117

<b>Fig.62</b> - Planta da Praça do Suspiro .....	118
<b>Fig.63</b> - Perfil da Praça do Suspiro .....	118
<b>Fig.64</b> - Praça Marcílio Dias .....	119
<b>Fig.65</b> - Planta da Praça Marcílio Dias .....	119
<b>Fig.66</b> - Perfil da Praça Marcílio Dias .....	119
<b>Fig.67</b> - Avenida Alberto Braune .....	120
<b>Fig.68</b> - Avenida Alberto Braune .....	120
<b>Fig.69</b> - Avenida Dr. Galdino do Vale Filho .....	120
<b>Fig.70</b> - Avenida Dr. Galdino do Vale Filho .....	120
<b>Fig.71</b> - Mapa de Iluminação do Centro de Nova Friburgo .....	121
Fonte: Base: Cadastral Plano Diretor de Nova Friburgo. Org.: DUARTE, Fernanda.	
<b>Fig.72</b> - Mapa de Gabarito do Centro da Cidade de Nova Friburgo .....	126
Fonte: Base: Mapa de Verticalização. Prefeitura Municipal de Nova Friburgo. Autor: Pedro H. F. de Lima. Jan/2004. Atualizado em dez/2008 por: DUARTE, Fernanda.	
<b>Fig.73</b> - Trecho onde a renovação foi intensa .....	127
<b>Fig.74</b> - Trecho com o predomínio de casario antigo .....	128
<b>Fig.75</b> - Trecho onde o tipo antigo e o tipo mais recente se misturam .....	128
<b>Fig.76</b> - Igreja de Santo Antônio .....	130
<b>Fig.77</b> - Igreja Matriz de São João Batista .....	131
<b>Fig.78</b> - Igreja Luterana .....	131
<b>Fig.79</b> - Antigo Fórum .....	132
<b>Fig.80</b> - Prefeitura da Cidade .....	132
<b>Fig.81</b> - IENF .....	133
Fonte: osmarcastro@hotmail.com	
<b>Fig.82</b> - Colégio Nossa Senhora das Dores .....	133
<b>Fig.83</b> - Mapa de Figura e Fundo da área estudada .....	135
Fonte: Desenvolvido por DUARTE, Fernanda; a partir da foto aérea do local de 2004 fornecida pela Secretaria da Fazenda do Município de Nova Friburgo.	
<b>Fig.84</b> - Telefone Público .....	136
<b>Fig.85</b> - Banca de Jornal .....	136
<b>Fig.86</b> - Placa de rua .....	136
<b>Fig.87</b> - Lixeira .....	136
<b>Fig.88</b> - Poste de luz .....	136
<b>Fig.89</b> - Ponto de ônibus .....	136
<b>Fig.90</b> - Vazio de estar .....	136

<b>Fig.91</b> - Estátua da Praça Getúlio Vargas .....	137
<b>Fig.92</b> - Estátua Praça Demerval Barbosa Moreira .....	137
<b>Fig.93</b> - Estátua Praça Demerval Barbosa Moreira .....	137
<b>Fig.94</b> - Bandeiras Praça Demerval Barbosa Moreira .....	137
<b>Fig.95</b> - Bandeiras do Canal do Rio Bengalas .....	137
<b>Fig.96</b> - Bandeiras da Av. Alberto Braune .....	137
<b>Fig.97</b> - Relevo, déc.30 do séc. XX .....	138
Fonte: Acervo Digital Kastro.	
<b>Fig.98</b> - Relevo, 2007 .....	138
<b>Fig.99</b> - Av. Alberto Braune .....	141
<b>Fig.100</b> - Rua transversal a avenida .....	141
<b>Fig.101</b> - Rua D. Galdino do Vale Filho .....	141
<b>Fig.102</b> - Rua General Osório .....	141
<b>Fig.103</b> - Mapa de Efeitos Visuais da Área Estudada .....	143
Fonte: Cadastral - Secretaria da Fazenda do Município de Nova Friburgo. Org.: DUARTE, Fernanda.	
<b>Fig.104</b> - Mapa de Elementos Lynchianos da Área Estudada .....	145
Fonte: Cadastral - Secretaria da Fazenda do Município de Nova Friburgo. Org.: DUARTE, Fernanda.	
<b>Fig.105</b> - Bandeiras distribuídas na Av. Alberto Braune .....	146
<b>Fig.106</b> - Bandeiras ao longo do canal .....	146
<b>Fig.107</b> - Praça das Colônias .....	146
<b>Fig.108</b> - Mapa de Parcelamento do Solo .....	157
Fonte: Secretaria da Fazenda do Município de Nova Friburgo	
<b>Fig.109</b> - Mapa axial do Município de Nova Friburgo – Rn .....	159
Fonte: Programa <i>Mindwalk</i>	
<b>Fig.110</b> - Mapa Axial do Centro da Cidade de Nova Friburgo – Rn .....	160
Fonte: Programa <i>Mindwalk</i>	
<b>Fig.111</b> - Mapa Axial do Centro da Cidade de Nova Friburgo – R3 .....	161
Fonte: Programa <i>Mindwalk</i>	
<b>Fig.112</b> - Mapa Axial do Centro Regular da Cidade de Nova Friburgo – Rn .....	162
Fonte: Programa <i>Mindwalk</i>	
<b>Fig.113</b> - Mapa de Usos do Solo da Área Estudada .....	164
Fonte: Cadastral – Secretária da Fazenda do Município de Nova Friburgo. Org.: DUARTE, Fernanda.	
<b>Fig.114</b> - Mapa de Fluxo de Pedestres da Área Estudada .....	168



Fonte: Cadastral – Secretária da Fazenda do Município de Nova Friburgo. Org.: DUARTE, Fernanda.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias Analíticas Descritivas da Estética - Roteiro de Observação .....	30
Quadro 2 - Categorias Analíticas Descritivas Sínteses da Estética (Visões de Mundo) .....	36
Quadro 3 - Categorias Avaliativas da Estética .....	37
Quadro 4 - Categorias Descritivas Sínteses da Topocepção .....	44
Quadro 5 - Categorias Analíticas da Convexidade .....	52
Quadro 6 - Categorias Analíticas da Axialidade .....	54
Quadro 7 - Categorias de Distribuição das Atividades no Espaço Urbano .....	57
Quadro 8 - Resumo do histórico das Edificações de Referência na Paisagem.....	100
Quadro 9 - Elementos Comuns - Tipos Arquitetônicos Representativos do Centro de Nova Friburgo .....	123

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Porcentagem populacional das bacias Hidrográficas do Município de Nova Friburgo .....	64
Tabela 02 - Imagem da Cidade de Nova Friburgo .....	191
Tabela 03 - Visão da Praça Marcílio Dias por seus usuários .....	192
Tabela 04 - Utilização das Montanhas como referência no Centro de Nova Friburgo .....	192
Tabela 05 - Utilização do Supermercado ABC como referência no Centro de Nova Friburgo .....	192
Tabela 06 - Leitura do Prédio da Prefeitura da Cidade .....	193
Tabela 07 - Beleza do Prédio da Prefeitura da Cidade .....	193
Tabela 08 - Uso do Prédio da Prefeitura da Cidade .....	193
Tabela 09 - Lembrança freqüente do Prédio da Prefeitura da Cidade .....	194
Tabela 10 - Elemento mais importante do Centro da Cidade .....	150
Tabela 11 - Elemento menos importante do Centro da Cidade .....	151

Tabela 12 - Elemento que mais se gosta no Centro da Cidade .....	194
--	-----

"Quem começou tem metade da obra executada"  
Horácio (65-27 a.c.)

## INTRODUÇÃO

---

Este trabalho objetiva caracterizar a identidade de uma cidade em processo de degradação formal, utilizando-se das pesquisas de Gordon Cullen, Kevin Lynch e Maria Elaine Kohlsdorf, juntamente com o pensamento desenvolvido por Evaldo Coutinho e Matheus Gorovitz e a pesquisa de Frederico de Holanda, embasada na Teoria da Sintaxe Espacial desenvolvida por Hillier.

A identidade será vista aqui como a qualidade do lugar que o caracteriza como um elemento único, diferenciado dos demais em todos os sentidos, pela configuração do seu sítio físico e por suas características morfológicas fruto da atividade humana. Nesta visão, a identidade é revelada por três fatores: a composição específica e única dos atributos físicos espaciais, a relação específica entre o homem e o espaço e a história do local. A caracterização da identidade por meio destes fatores demonstra que a identidade não será, aqui, somente imagética, incluindo também a apropriação do espaço público como um elemento fundamental para sua caracterização.

Os atributos físicos diferenciados que estruturam a forma da cidade de tal maneira que a tornam única serão chamados de elementos estruturais da forma da cidade, seguindo a conceituação do termo empregado por Trieb e Schmidt em *Erhaltung und Gestaltung des Ortsbildes*, na década de 1980.

Grande parte das cidades brasileiras vem enfrentando um processo de descaracterização de sua identidade por meio da perda de qualidade de seus espaços urbanos, fruto de decadência econômica ou do processo de crescimento desordenado, que implica abandono do espaço público.

A cidade, aqui entendida como arquitetura, com base na conceituação utilizada por teóricos como Vitruvio em seu *Tratado De Architectura*, publicado em *The Ten Books on Architecture*, e Alberti em seu tratado *De Re Aedificatoria*, resgatado há cerca de cem anos por Camillo Sitte em *A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos* e recentemente por Aldo Rossi em *A Arquitetura da Cidade*, não

é algo estático, parado no tempo; ela se transforma a cada momento melhorando ou piorando sua fisionomia. Esta constante modificação da forma da cidade é reflexo da realidade vivida por sua sociedade, que lhe imprime elementos característicos de uma época específica marcada por situações diferenciadas. Os aspectos econômico-político-ideológicos de cada momento vivenciado por esta sociedade, influenciam o espaço, alterando-o positivamente ou não. Isto permite que a forma da cidade seja constituída por diferentes elementos representativos de épocas distintas, articulados harmonicamente ou não.

O crescimento da cidade mediante uma lógica perversa que rompe a unidade da forma e degrada seu espaço pode gerar uma cidade fragmentária, composta por contrastes e conflitos que em sua maioria enfraquecem sua imagem, legibilidade e qualidade. Estes três termos serão aqui definidos utilizando-se o pensamento de Kevin Lynch em seu livro *A Imagem da Cidade*, com o auxílio da definição destes verbetes encontrada no Dicionário Aurélio de Ferreira. A imagem da cidade é a representação mental de sua forma, enquanto que a sua legibilidade é a facilidade com que as partes da configuração do espaço podem ser reconhecidas e organizadas na mente humana num modelo coerente, ou seja, legível. Já a qualidade da cidade diz respeito ao fato dela satisfazer as expectativas das pessoas. Dentro deste processo de enfraquecimento da imagem da cidade, a caracterização da identidade do espaço permitirá um diagnóstico mais eficaz e uma requalificação do espaço urbano mais direcionada para se resolver os problemas detectados neste diagnóstico, utilizando-se de soluções mais pertinentes e não apenas com o emprego de artifícios de incentivo e embelezamento, que se provam efêmeros.

A discussão sobre como revitalizar o espaço público e sua importância para o usuário é de grande relevância. Preocupações de âmbito econômico, social e político já existem; no entanto, vê-se necessária uma investigação da configuração da cidade, de suas transformações e da articulação desta com seu usuário.

Processos de requalificação do espaço são desenvolvidos atualmente, sendo um tema recorrente nestas últimas décadas. No entanto, na maioria dos casos, esta requalificação do espaço é feita apenas por um make up (embelezamento de fachadas, calçadas, vias e mobiliários urbanos) que não ataca o problema de forma

eficaz. Como exemplo disto tem-se o Rio Cidade, projeto de requalificação urbana desenvolvido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em diversos bairros.

Acredita-se que a qualificação do espaço por meio da valorização da identidade da cidade pode dinamizá-la e contribuir para uma solução mais eficaz do problema, solução estabelecida pela criação de uma nova normativa que determine critérios construtivos necessários (embora não suficientes) para o resgate da unidade do espaço.

Esta dissertação visa ao desenvolvimento do diagnóstico da forma de uma cidade, utilizando-se de um teste metodológico que tem como intuito caracterizar a identidade da cidade, criando bases sólidas para a requalificação de seu espaço público.

Para se chegar a tal, inicialmente serão esclarecidos os conceitos de identidade, de cidade e de arquitetura, utilizados neste trabalho. Posteriormente estabelecer-se-á, mediante estas conceituações, uma metodologia de análise que se acredita ser coerente e eficaz ao objetivo da dissertação: a caracterização da identidade de uma cidade.

Por ser a arquitetura, aqui, vista como uma variável independente, ou seja, como um artefato que impacta a vida de seus usuários e o meio ambiente, seguindo o pensamento de Holanda no texto *Arquitetura Sociológica*, a cidade também será analisada como uma variável independente, partindo-se da realidade atual e de seu desempenho, não de suas causas.

Dentro desta visão, tendo a arquitetura da cidade como variável independente, a forma da cidade pode ser analisada sob vários prismas: o aspecto funcional, o aspecto bio-climático, o aspecto econômico, o aspecto sociológico, o aspecto topoceptivo<sup>2</sup>, o aspecto simbólico, o aspecto afetivo ou o aspecto estético.

Para atender o problema em questão, a degradação da forma de cidades, foi feito um corte arbitrário, convencional e circunstancial nos aspectos acima mencionados,

---

<sup>2</sup> Neologismo criado por KOHLSDORF, Maria E. *A Apreensão da Forma da Cidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. Este conceito está vinculado à legibilidade visual do local, isto é, a sua identidade; e a orientabilidade.

baseado na conceituação de identidade utilizada. Para uma dissertação de mestrado, conforme desenvolvida aqui, não seria possível analisar parte de uma cidade em todos os aspectos que caracterizam a arquitetura, e também não seria o foco em questão. Portanto, a análise foi limitada a três aspectos que apresentam uma sobreposição de variáveis e uma complementação de informações relevantes ao tema, gerando uma melhor caracterização da degradação formal do local e de sua identidade. Não será pretensão, aqui, definir novos conceitos para estes aspectos, utilizando-se, então, a definição de Holanda<sup>3</sup>:

Estético – O lugar é *belo*, i. é, há características de um todo estruturado e qualidades de simplicidade/complexidade, igualdade/dominância, similaridade/diferença, que remetem a qualidades de clareza e originalidade, e por sua vez a *pregnância*, implicando uma estimulação autônoma dos sentidos para além de questões práticas? O lugar é uma *obra de arte*, por veicular uma *visão de mundo*? Sua forma-espço implica uma *filosofia*.

Topoceptivo: O lugar é legível visualmente, i. é, ele tem uma identidade? O lugar oferece boas condições para a *orientabilidade*?

Sociológico: A configuração da forma-espço (vazios, cheios e suas relações) implica maneiras desejáveis de indivíduos e grupos (classes sociais, gênero, gerações etc.) localizar-se nos lugares e de se mover por eles, e conseqüentemente condições desejadas para encontros e esquivanças interpessoais, e para visibilidade do outro? O tipo, quantidade e localização relativa das atividades implicam desejáveis padrões de utilização dos lugares no espaço e no tempo?

Do ponto de vista metodológico, a análise feita mediante os três prismas – o aspecto estético, o aspecto topoceptivo e o aspecto sociológico de desempenho da arquitetura – tentará revelar de forma mais clara a conceituação de cada um destes, simplificando-os e estabelecendo de forma mais específica as variáveis dos aspectos estéticos e topoceptivos. Estas variáveis já foram estudadas em outras pesquisas, como a de Matheus Gorovitz em *Os Riscos do Projeto: Contribuição à Análise do Juízo Estético na Arquitetura e Três passos para uma análise estética na arquitetura* entre outros e a de Maria Elaine Kohlsdorf em *A Apreensão da Forma da*

---

<sup>3</sup> Frederico de Holanda, *Arquitetura Sociológica*, p.04.

*Cidade*. No entanto, vê-se necessário uma análise mais cuidadosa da questão, já que estas pesquisas ainda se apresentam com variáveis sobrepostas. Após a análise separada da forma da cidade por meio de cada prisma, serão reunidos os dados obtidos de forma complementar e consistente para a revelação dos elementos estruturais da forma da cidade, de seu diagnóstico e de sua identidade. Esta junção das leituras dos três prismas escolhidos será possível pela distinção dos dados obtidos em cada aspecto, ou seja, as variáveis de cada um deles serão distintas das demais, sem que haja, portanto, uma sobreposição das análises.

Sendo assim, as questões a serem desenvolvidas serão:

- 1) Como caracterizar a identidade de um trecho da cidade?
- 2) Como a análise da forma da cidade mediante os prismas estético, topoceptivo e sociológico possibilitará a revelação de elementos estruturais de sua forma?
- 3) Como a valorização e o resgate destes elementos podem servir de base para uma requalificação do espaço urbano?

Esta dissertação deve ser vista como um teste metodológico que se utilizará dos três prismas escolhidos (estético, sociológico e topoceptivo) e de suas interações, juntamente com uma análise da evolução da cidade, para buscar os elementos estruturais da forma da cidade que reforcem a imagem do local e a posterior caracterização de sua identidade. Ela não tem por objetivo resolver os problemas detectados em sua configuração e identidade, mas sim apenas apontá-los, para que posteriormente possa ser utilizada como base para a criação de medidas mitigadoras.

Ao trabalhar com os elementos estruturais da configuração espacial, a imagem local é valorizada e resgatada, permitindo que o espaço fique registrado na mente de seu usuário como um local agradável, único e que lhe dê prazer. Este apego ao local permitirá que o usuário, identificado com o espaço público, preserve-o e mantenha-o.

Como estudo de caso para este teste, propõe-se a análise da forma da Cidade de Nova Friburgo, situada no estado do Rio de Janeiro, visando à criação de subsídios



para a requalificação de seu espaço urbano e a valorização da identidade da cidade, que se apresenta em processo de degradação formal.

Este processo tem como uma de suas causas a história da formação da cidade, onde não se desenvolveu uma preocupação com a manutenção da qualidade do espaço, independente da inserção, ou não, de novos elementos. A falta de preocupação com a qualidade do espaço associada à crise econômica ocorrida na década de 1980 deflagraram o processo de degradação espacial, agravado recentemente pelo deslocamento do centro turístico para áreas periféricas do município.

A análise da configuração desta cidade tem por objetivo testar a adequação da proposta explicitada, ou seja, a de caracterizar a identidade da cidade por meio da metodologia escolhida e a possibilidade de criação de um programa bem embasado de requalificação do espaço utilizando-se dos dados obtidos pela análise. No entanto, é importante ressaltar que esta dissertação não visa à criação deste programa, mas apenas verifica superficialmente se o resultado apresentado possibilita sua criação.

A utilização de Nova Friburgo como estudo de caso é de especial interesse pelo ineditismo do tema, já que poucas pesquisas foram desenvolvidas para ela, as existentes concentrando-se basicamente na área de História e Economia. Este também é um tema de grande importância para a cidade, pois venho acompanhando ao longo dos anos, por ser da cidade do Rio de Janeiro, o processo de degradação formal e a conseqüente gradual morte de seu espaço público.

Esta dissertação será estruturada em quatro capítulos que se somam à introdução e à conclusão do trabalho, visando ao desenvolvimento da proposta apresentada. No primeiro capítulo serão apresentados os termos e conceitos empregados nesta dissertação e no capítulo seguinte, complementando o primeiro, serão explicadas as teorias, os métodos e as técnicas empregadas no estudo. Estes dois primeiros capítulos revelarão a conceituação e a teorização do teste proposto, enquanto que nos capítulos seguintes será feito o teste na cidade de Nova Friburgo. Esta aplicação do teste se dividirá em dois capítulos. O primeiro se voltará para a análise da identidade local no processo evolutivo da cidade de Nova Friburgo, utilizando-se

de bases cartográficas, imagens e histórico da cidade decorrente de literatura existente, possibilitando o reconhecimento de elementos estruturais que se mantiveram em sua forma e os que se perderam com a evolução da cidade, e o reconhecimento dos motivos caracterizadores da lógica espacial atual da cidade. O segundo capítulo volta-se para a análise da área de estudo mediante os três prismas escolhidos e a posterior junção destas análises e possível caracterização de sua identidade e de seu diagnóstico.

Após a conceituação traçada nos dois primeiros capítulos e a aplicação desta no estudo de caso visto nos dois capítulos seguintes, serão apresentadas considerações finais da dissertação, que explicitarão a adequação ou não do teste e a possibilidade do desenvolvimento de um programa de requalificação do espaço por meio do resultado encontrado, finalizando assim a proposta defendida.

## CAPÍTULO 1

---

### SOBRE IDENTIDADE, VISÕES DE MUNDO E IMAGEM DA CIDADE

*“A intuição da essência se distingue da percepção do fato: ela é a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite identificá-lo. (...)”*

*Se a essência permite identificar um fenômeno, é porque ela é sempre idêntica a si própria, não importando as circunstâncias contingentes de sua realização. (...) Esta identidade da essência consigo própria, portanto esta impossibilidade de ser outra coisa que o que é, se traduz por seu caráter de necessidade que se opõe a ‘facticidade’, isto é, ao caráter de fato, aleatório, de sua manifestação.”<sup>4</sup>*

*“(...) é pela impossibilidade de ser outra coisa, que é deste lugar que se refere, e a sua essência nos permite identificá-lo, nomeá-lo e distingui-lo de imediato de todo e qualquer outro lugar.”<sup>5</sup>*

Este capítulo tem por objetivo expor a conceituação dos principais elementos trabalhados nesta dissertação: a arquitetura, a cidade, a identidade do lugar e seus elementos estruturais. Estes elementos apresentam conceituações diversificadas para diferentes linhas de estudo, sendo portanto necessária a explicitação da linha escolhida para cada uma destas conceituações.

O capítulo se estrutura em quatro partes. As três primeiras estão vinculadas à abordagem separada de cada elemento central apontado na pesquisa, enquanto que a última visa à apresentação e à justificativa da metodologia utilizada neste trabalho. Toda a conceituação empregada será baseada em alguma conceituação pré-existente, já que não é objetivo da dissertação revelar uma nova definição para os termos. No entanto, não foi encontrada uma definição clara de um único autor para o termo de identidade, necessitando-se portanto de uma leitura mais ampla para se chegar à conceituação deste termo.

---

<sup>4</sup> André Dartigues, *O que é fenomenologia?* Tradução Maria José J. G. de Almeida. Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca, 1973, p.22-23. Apud REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. *O Conceito do Lugar*.

<sup>5</sup> Luiz Augusto dos Reis-Alves, *O Conceito do Lugar*.

## 1.1 O que é Arquitetura?

Por não se buscar uma nova definição para o termo “arquitetura” no escopo deste projeto, utilizar-se-á a definição de Holanda:

Arquitetura é lugar olhado como instrumento de satisfação de expectativas funcionais, bioclimáticas, econômicas, sociológicas, topoceptivas, afetivas, simbólicas e estéticas, em função de valores que, a depender do aspecto, soem ser universais, grupais ou individuais.<sup>6</sup>

Esta definição se enquadra nas expectativas do trabalho, já que em ambos os casos a arquitetura é vista como uma variável independente, que impacta as nossas vidas e o meio ambiente. Ao visualizar a arquitetura como uma variável independente, Holanda passa a trabalhar com aspectos que caracterizam a arquitetura quanto aos impactos que ela tem em seus usuários. Para ele, “os ‘aspectos’ são o artifício teórico para fundamentar a definição de arquitetura, resumem as implicações dos lugares enquanto arquitetura, o como ela nos afeta de várias maneiras, o seu *desempenho* multifacetado.”<sup>7</sup>

Por meio desta definição, Holanda então estabelece oito aspectos de desempenho da arquitetura, definidos por ele por meio de perguntas. São eles:

- Aspectos funcionais. O lugar satisfaz as exigências práticas da vida cotidiana em termos de tipo e quantidade de espaços para as atividades, e seu inter-relacionamento?
- Aspectos bio-climáticos. O lugar implica condições adequadas de iluminação, acústica, temperatura, umidade, velocidade do vento e qualidade do ar?
- Aspectos econômicos. Os custos de implementação, manutenção e uso dos lugares são compatíveis com o poder aquisitivo das pessoas implicadas?
- Aspectos sociológicos. A configuração da forma-espço (vazios, cheios e suas relações) implica maneiras desejáveis de indivíduos e grupos (classes sociais, gênero, gerações etc.) localizarem-se nos lugares e de se mover por eles, e conseqüentemente condições desejadas para encontros e esquivanças interpessoais, e para visibilidade do outro? O tipo, quantidade e

---

<sup>6</sup> Frederico de Holanda, *Arquitetura Sociológica*, p.05.

<sup>7</sup> Frederico de Holanda, *Arquitetura Sociológica*, p.04.

localização relativa das atividades implicam desejáveis padrões de utilização dos lugares, no espaço e no tempo?

- Aspectos topoceptivos. O lugar é *legível* visualmente, isto é, ele tem uma *identidade*? O lugar oferece boas condições para a *orientabilidade*?
- Aspectos afetivos. O lugar tem uma *personalidade afetiva*? Como ele afeta o estado emocional das pessoas – e.g. relacionado a solenidade, grandeza, frieza, formalidade, intimidade, informalidade, simplicidade etc.?
- Aspectos simbólicos. O lugar é rico em elementos arquitetônicos que remetam a outros elementos, maiores que o lugar, ou a elementos de natureza diversa – valores, ideias, história?
- Aspectos estéticos. O lugar é *belo*, isto é, há características de um todo estruturado e qualidades de simplicidade/complexidade, igualdade/dominância, similaridade/diferença, que remetem a qualidades de clareza e originalidade, e por sua vez a *pregnância*, implicando uma estimulação autônoma dos sentidos para além de questões práticas? O lugar é uma *obra de arte*, por veicular uma *visão de mundo*? Sua forma-espço implica uma *filosofia*?

A segmentação da análise da arquitetura em aspectos permite a classificação da realidade a partir de apenas um foco, no qual serão desenvolvidas variáveis específicas para cada situação. Embora todas as expectativas humanas se apresentem entrelaçadas na realidade, esta segmentação permite um olhar fragmentado do objeto em questão, facilitando aprofundar seu conhecimento.

## 1.2 A Cidade, a Imagem da Cidade e as Visões de Mundo

A cidade aqui é vista como arquitetura, seguindo a conceituação de Alberti em seu tratado *De Re Aedificatoria*, de Camillo Sitte em *A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos* e de Aldo Rossi em *A Arquitetura da Cidade*. Ela é um elemento físico, um objeto concreto que apresenta forma e configuração a serem

analisadas. Como objeto concreto, ela pode ser percebida e explorada por seus usuários, como pode ser visto, complementando o pensamento dos demais autores, na citação de Kevin Lynch sobre cidade como arquitetura:

Como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, (...) uma arte temporal (...). A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores.<sup>8</sup>

Este trabalho não está voltado para olhar a cidade por meio da ecologia, da economia, da sustentabilidade, e sim apenas de seu desenho, de seu significado e de sua interação com o usuário. Este desenho, esta forma, sofre consequências de elementos externos a ele, como a política, a economia e a própria sociedade que o ocupa e faz dele uma extensão de sua vida, gerando a alteração da imagem local, ou seja, da fisionomia da cidade com o passar do tempo. Segundo Kohlsdorf, “o espaço urbano e sociedade são duas faces da mesma moeda, ou seja, o espaço é um aspecto estrutural da cidade. Seu papel supera o conceito sociológico de suporte de atividade, pois não é um meio rígido neutro, mas capaz de oferecer possibilidades e restrições à realização de práticas.”<sup>9</sup> Estas possibilidades e restrições revelam sua fisionomia, sua “cara”, ou seja, a imagem da cidade. Esta imagem pode apresentar elementos que combinados revelem uma visão de mundo, imprimindo a ela não só uma diferenciação física de seu espaço como também uma diferenciação cultural, social e política das demais cidades.

O termo visão de mundo, aqui, é empregado seguindo o pensamento de Melo & Cidade:

De diferentes formas, a ideologia tende a condicionar um conjunto de características culturais partilhadas por segmentos da sociedade, as visões de mundo. Embora o termo visões de mundo seja comumente utilizado sem conceituação explícita, pode-se tomar, como referência geral, o que Kuhn denominou de sentido sociológico do conceito de paradigma, embora sem as aplicações ao mundo da ciência, privilegiadas pelo autor (Kuhn, 1970, p.175). Dessa forma, pode-se considerar visões de mundo como um conjunto de crenças e valores partilhados por determinados grupos sociais.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p. 01.

<sup>9</sup> Maria Elaine Kohlsdorf, *A Apreensão da Forma da Cidade*.

<sup>10</sup> Luiz Pedro Cesar Melo e Lucia Cony Faria Cidade, *Ideologia, Visões de Mundo e Práticas Socioambientais no Paisagismo*, p.116.

### 1.3 Lugar, Identidade do Lugar e seus Elementos Estruturais

Como visto, a conceituação de lugar e de identidade se apresentam bastante diferenciadas e controversas.

Partir-se-á, então, do conceito de lugar definido por Norberg-Schulz e ratificado por Luiz Augusto dos Reis-Alves no texto *O Conceito de Lugar* e do conceito de identidade definido por Kevin Lynch em *A Imagem da Cidade*, para dar início à análise dos termos.

Para Norberg-Schulz<sup>11</sup>, o lugar seria a concreta manifestação do habitar humano, ou seja, a presença humana transformaria o espaço em lugar, modificando-o e qualificando-o. No entanto, para este trabalho é preciso ir além desta definição, identificando de quais formas o lugar pode ser caracterizado, necessitando-se, portanto, de uma investigação da conceituação deste termo por outros autores.

Já para Kevin Lynch<sup>12</sup>, a identidade seriam as características que personificam os objetos, diferenciando-os entre si e dando-lhes um significado de individualidade ou unicidade. Para ele, “um bom lugar é aquele que, de alguma maneira, apropria a pessoa e sua cultura, torna-a consciente de sua comunidade, de seu passado, sua rede de vida e o universo de tempo e espaço no qual estão contidos.”<sup>13</sup> No entanto, esta definição também não se apresenta completa, necessitando-se buscar quais são as características que revelam a identidade do lugar. Como a conceituação de identidade, aqui, está vinculada à de lugar, partir-se-á da conceituação deste último para a revelação das características exclusivas do espaço.

Para isto será então inicialmente apresentado, de forma resumida, o conceito de lugar e sua relação com a identidade local vistos por segmentos de áreas disciplinares escolhidas aqui por serem pertinentes ao tema, para posteriormente buscar-se então uma definição que possa aglutinar a contribuição de cada uma dessas áreas para a definição do conceito de lugar e de sua identidade. No entanto, é importante deixar claro que a definição de lugar, não só a utilizada aqui mas também as demais definições citadas, embora apresentada separadamente por

---

<sup>11</sup> Cf. Christian Norberg-Schulz, *Op. cit.*

<sup>12</sup> Cf. Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*.

<sup>13</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.142.

segmentos, é multidisciplinar, onde o conhecimento de cada segmento não basta para defini-la, buscando-se em outras áreas a complementação deste conceito.

### 1.3.1 O Conceito de Lugar para a Geografia Humanística

A Geografia Humanística surge no início da década de 1970, apresentando como principal linha de pensamento a valorização das relações afetivas desenvolvidas entre os indivíduos e seu ambiente. Essas relações de afeição estão ligadas à interação entre o homem e o lugar. Para isso há a necessidade de estímulos que permitam o vínculo de ambos. Estes estímulos podem ser gerados pelo próprio espaço, ou melhor, pelos atributos físicos dele. À medida que estes estímulos adquirem qualidades de um todo bem estruturado e diferenciado, o lugar passa a ser reconhecido pelo indivíduo e lido como um local agradável, prazeroso e memorável. Esta disciplina acrescenta à discussão da relação entre homem e espaço como reveladora do lugar, seguindo o conceito de Norberg-Schulz, os estímulos causados pelos atributos físicos do espaço, um novo elemento que é de fundamental importância tanto para a definição de lugar como para a caracterização da identidade local.

Alguns autores desta linha desenvolveram trabalhos voltados para esta relação afetiva entre o homem e o ambiente, buscando nela o significado para lugar. Aqui serão analisados os pensamentos de dois deles para um maior embasamento teórico sobre o assunto: Tuan e Relph.

Yi-Fu Tuan, geógrafo chinês radicado nos Estados Unidos, ao buscar o significado de lugar acabou criando um novo termo “topofilia” por ele definido como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.”<sup>14</sup> Este elo afetivo apontado por Tuan teria sua origem nas experiências e sensações diferenciadas vividas pelo indivíduo no espaço. Este processo se faria a partir da percepção deste indivíduo, em um ato efêmero, reflexo de suas vivências pessoais e da conformação do momento de sua ocorrência. Sendo assim, para Tuan, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.”<sup>15</sup> Os lugares, para ele, são “centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades

---

<sup>14</sup> Yi-Fu Tuan, *Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*, p.5.

<sup>15</sup> Yi-Fu Tuan, *Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*.



biológicas de comida, água, descanso e procriação.”<sup>16</sup> Para que o espaço se torne um lugar, Tuan adiciona a dimensão temporal, a qual relaciona ao lugar de três maneiras: a afeição ao lugar, adquirida pela história, pelo tempo presente e pela memória. Esta apreensão do lugar por meio de seu significado está diretamente ligada à identidade local, já que o lugar só passa a adquirir significado ao identificar-se com seu usuário. A necessidade de reconhecer-se nele, de se sentir seguro, protegido, caracteriza uma das facetas da identidade, sendo o lugar, portanto, não apenas um local diferenciado, mas que traz um significado para o seu usuário. Dentro desta visão está inserido o tempo, como elemento de grande importância para a identificação do usuário com o espaço, para que este usuário se sinta pertencente ao mesmo, a partir de sua história vivenciada no local.

Edward Relph, geógrafo canadense e autor do livro *Place and Placelessness*, define lugar como algo muito maior que o sentido geográfico de localização. Para ele, o lugar não é só um objeto ou um local, ele é definido pelas variadas experiências e necessidade de fixação. A identidade do lugar seria então impressa pela intenção humana e a relação destas intenções com seu cenário físico e as atividades ali desenvolvidas, sendo estes dois últimos os atributos objetivos do lugar. O lugar teria como essência a sua qualidade de interação entre o mundo espacial e as intenções e experiências humanas. A partir desta relação, Relph propõe então uma classificação estabelecida pelo grau de interioridade que uma pessoa experimenta em relação ao sentido de lugar, por meio de seu senso de pertencimento, que quanto mais forte fará com que esta pessoa se identifique mais com ele.

Ainda neste livro, Relph cria um novo termo “placelessness”, o qual é traduzido aqui como “não-lugar”, cujo significado é a presença indiscriminada de lugares que não possuem um significado suficientemente forte para caracterizá-los como único. Nesta classificação estariam inseridos os shopping-centers, os hipermercados etc. A criação destes não-lugares vem contribuindo para o abandono do espaço público.

Após a descrição do trabalho de cada um dos autores escolhidos, pode-se perceber que Tuan se volta para a análise das experiências afetivas desenvolvidas com o tempo e seus significados, se vinculando somente às percepções humanas em

---

<sup>16</sup> Yi-Fu Tuan, *Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*.

relação ao ambiente em questão. Esta análise é incompleta para este trabalho ao se voltar apenas para a percepção humana, não se preocupando com os atributos físicos do espaço e das atividades decorrentes da apropriação espacial; já Relph demonstra maior preocupação com a configuração do espaço e como esta está articulada, desenvolvendo conceitos voltados à identidade do lugar. Esta análise também não se apresenta completa para o que buscamos, mas é complementar ao pensamento de Tuan. A definição de lugar de Tuan – “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”<sup>17</sup> – é complementar à definição de Relph – “os lugares só adquirem identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas”<sup>18</sup> – podendo-se então estabelecer por meio da união destes dois conceitos uma definição mais completa de lugar: o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado por meio da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas. Com esta nova definição, podem-se reconhecer três elementos que caracterizam a identidade local: os atributos físicos do espaço, as atividades desenvolvidas por consequência da apropriação do espaço e as intenções humanas. Dentro deste processo, é importante ressaltar outro elemento de grande importância para a caracterização da identidade local, aqui: o tempo mencionado por Tuan. No entanto, isto não basta, mesmo com uma definição mais clara de lugar e tendo reconhecido os elementos caracterizadores da identidade; é necessário buscar a relação entre eles e como estão articulados, continuando-se assim a análise dos termos por outras áreas disciplinares.

### **1.3.2 O Conceito de Lugar para a Psicologia Ambiental**

A Psicologia Ambiental não possui um passado muito longo, podendo ser datada da década de 1960. Ela estuda a relação entre o comportamento humano e o ambiente físico, construído ou natural, e analisa os processos perceptivos e cognitivos desenvolvidos a partir da forma física do espaço. Do mesmo modo que a Geografia Humanística, a Psicologia Ambiental trabalha com as relações entre homem e ambiente, porém estando voltada principalmente para os processos perceptivos

---

<sup>17</sup> Yi-Fu Tuan, *Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*.

<sup>18</sup> Edward Relph, *Place and Placelessness*.

gerados por estímulos decorrentes da forma espacial e principalmente de sua identidade. Como dito por Ittelson:

Ainda que percebamos o ambiente como se fossem estímulos discricionados – visão, sons, sabores, cheiros, toques – a constelação completa de estímulos determina como respondemos a ele. É a complexidade de que é constituído o sítio físico no qual as pessoas vivem e interagem (...) que precisa ser considerada (...) não existe um ambiente físico que não esteja inculcado dentro de um sistema social e insolúvelmente relacionado a ele. Não podemos responder a um ambiente independentemente de nosso papel como seres sociais.<sup>19</sup>

Dentro desta visão, os lugares estão entranhados de elementos, materiais, aromas, sons e temperatura que os caracterizam como únicos, ou seja, processos perceptivos e cognitivos estariam diretamente relacionados e até mesmo intrincados na forma física do espaço. Esta aglutinação permitiria que o espaço se tornasse lugar, algo diferenciado e único.

Este segmento trabalha com a aglutinação da percepção humana com os estímulos decorrentes dos atributos físicos do local, contribuindo para alimentar a caracterização da identidade buscada neste trabalho. Embora esta visão também esteja focada fortemente no homem e em seu processo perceptivo, este pensamento contribui para perceber que a leitura do espaço pelo homem está diretamente relacionada aos tipos de atributos físicos presentes no local e a qualidade de sua organização, facilitando ou dificultando a apreensão espacial e a sua caracterização como algo único e dissociável.

Ainda dentro deste segmento, pode-se analisar também a Psicologia Social, que se utiliza destes estímulos de natureza subjetiva nas ações humanas que ocorrem em um lugar. Segundo o pensamento de Bonnes & Secchiarolli<sup>20</sup>, o lugar nesta visão estaria associado ao homem e a sua cultura. Neste caso, a conceituação de lugar estaria ligada ao aspecto social, muito mais ao homem do que ao meio, sendo este último apenas o pano de fundo para as relações interpessoais. A cultura ganha peso sendo aqui o diferenciador dos lugares. A identidade do lugar na Psicologia Social não é trabalhada; já os atributos físicos do ambiente são mencionados, mas como já dito, apenas como um pano de fundo para a realização de atividades, estando a diferenciação dos espaços vinculada apenas à cultura local.

---

<sup>19</sup> W. Ittelson et al. *An Introduction to Environmental Psychology*, p.12.

<sup>20</sup> Cf. Mirilia Bonnes e Gianfranco Secchiarolli, *Environmental Psychology*.

Isto pode ser visto em Canter<sup>21</sup>, para o qual o lugar poderia ser definido como unidade de experiência na qual as atividades e a forma física estão intrincadas. Ele ainda complementa estes dois fatores aglutinantes com outro fator de relevância: as concepções criadas pelas pessoas. As atividades que acontecem no espaço físico, suas razões e seus próprios autores são aglutinados aos atributos físicos do ambiente, incluindo a avaliação do desempenho das atividades e as concepções criadas pelas pessoas a respeito das atividades desenvolvidas no mesmo ambiente. Estas três variáveis aglutinadas comporiam o lugar.

Para este trabalho, a conceituação de lugar da Psicologia Social se apresenta frágil, já que embora trabalhando com o espaço, as atividades desenvolvidas nele e as concepções humanas a respeito destas atividades focam-se apenas no aspecto social, ficando os atributos do espaço apenas como um pano de fundo. Os três elementos devem apresentar o mesmo peso na caracterização do lugar. No entanto, dentro da visão do segmento analisado, aparece um termo importante para a análise deste trabalho, a cultura, vista aqui como as ideologias da sociedade de um determinado lugar, ou ainda a ideologia que se revela na cidade, ou particularmente em sua forma. A cultura remete a outros elementos: a história, a memória e conseqüentemente o tempo.

### **1.3.3 O Conceito de Lugar para a Filosofia**

Na Filosofia, a definição de lugar já existia antes mesmo de Aristóteles, mediante uma conceituação mais genérica e simplificada, no entanto de grande importância para o começo desta discussão. A existência do vocábulo nesta época demonstra já a necessidade de se revelar o espaço conhecido e dominado pelo homem, podendo-se perceber assim a importância da identidade do lugar para a Filosofia.

Anteriormente a Aristóteles, o lugar já era uma questão pensada por Platão, que via na dualidade entre topos (lugares) e chōra (região) a caracterização da oscilação entre os conceitos de diferença e identidade. Aqui, esta conceituação poderia ser traduzida pela presença de um todo estruturado (espaço urbano) composto por lugares diferenciados mediante suas qualidades específicas. O todo, embora constituído por elementos diferenciados, comporia um arranjo específico

---

<sup>21</sup> Cf. David Canter, *The Psychology of Place*.

apresentando uma identidade própria. Sendo assim, a diferença e a identidade estariam lado a lado, compondo o espaço, sendo de grande importância a diferenciação dos pequenos elementos para que cada um deles possuísse um significado único, uma identidade própria dentro da identidade do conjunto. A preocupação principal do trabalho de Platão era na conceituação do espaço como o local onde se poderiam fixar lugares.

Aristóteles apresenta uma definição mais específica de lugar, que para ele era o limite que circundava o corpo. Esta definição, ao contrário do trabalho de Platão, que se volta apenas aos atributos físicos do local, insere a presença humana no espaço, sendo condição primordial para a definição de lugar. Séculos mais tarde, Descartes complementa o conceito de Aristóteles dizendo que além de ser o limite do corpo, o lugar também era definido em relação à posição de outros corpos.

Ainda na filosofia grega, a mitologia permite uma reflexão sobre o conceito de lugar, considerada aqui de relevância, como uma complementação ao entendimento do que Platão, Aristóteles e Descartes desenvolvem. Segundo Eliade<sup>22</sup>, para os gregos cada lugar possuía um deus específico, *genius loci*<sup>23</sup>, que zelava por aquela localidade e seu povo. Para as religiões que associavam o povo firmemente ao local, esta divindade sedia sua personalidade ao lugar, apresentando ambos, portanto, as mesmas características. Neste mito, o espírito do lugar possuía poderes apenas em sua localidade, protegendo seu povo contra pessoas estranhas. Este procedimento é uma tentativa de dar forma humana ao espaço, transformando o espaço desconhecido, 'selvagem', em um lugar criado e reconhecido pelo homem, fazendo com que o homem se assemelhe aos deuses. Esta 'antropomorfização' do espaço transformá-lo-ia em lugar, deixando de ser desconhecido para se tornar habitado. Desta maneira, o espaço poderia ser qualificado por duas formas: o território habitado, conhecido e sagrado (Cosmos), e o espaço desconhecido que cerca este primeiro, indeterminado e profano (Caos), habitado por figuras estranhas. Para os religiosos, nenhum lugar poderia surgir do Caos, necessitando portanto da

---

<sup>22</sup> Mircea Eliade, Op. cit.

<sup>23</sup> Genius loci é um conceito romano, do latim, que significa espírito do lugar. Segundo os gregos, cada ser "independente" tinha o seu genius, o seu espírito guardião, que dava vida às pessoas e aos lugares, os acompanhava desde o nascimento até a morte e determinava as suas características e essência (*Paulys Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*, s/d. Apud. NOUBERG SCHULZ, Christian. Genius loci. Op. cit.).

concessão de um caráter ao lugar, para transformá-lo do Caos em Cosmos. Esta concessão de caráter ao lugar era feita por meio do *genius loci*, que colocava o homem como um elemento central na criação do espaço, imitando o ato dos deuses de organizar o Caos.

Ainda seguindo esta discussão e aproximando-se de bibliografias mais recentes, o filósofo existencialista Heidegger<sup>24</sup> diz que o homem vive entre dois mundos dicotômicos, o céu e a terra, sendo o céu o inatingível e temido enquanto que a terra, o seguro, o conhecido, acessível. A conceituação de lugar do arquiteto Norberg-Schulz – a concreta manifestação do habitar humano – apresentada no começo da discussão sobre identidade e lugar, baseia-se nestas definições. Entretanto, segundo Reis Alves<sup>25</sup>, para Norberg-Schulz o habitar vai além do simples abrigo, estando vinculado à relação entre o homem e o seu meio mediante a percepção e o significado, compondo assim o que ele chama de suporte existencial. Dentro deste processo, o autor acrescenta o conceito de espaço existencial, que compreende as relações básicas entre o homem e o meio. Neste espaço, o *genius loci* é dividido em dois elementos complementares: o espaço (a terra), que se vincula à orientação, e o caráter (o céu), que se vincula à identificação. Para ele, somente estes dois elementos revelariam o suporte existencial permitindo que o Caos se transformasse em Cosmos.

Estas definições auxiliam na pesquisa à medida que o lugar é definido como algo conhecido, identificado e orientado, revelado principalmente pelas características entranhadas em seu *genius loci*, vinculando a definição de lugar não apenas à presença humana como também a sua própria identidade aqui chamada de *genius loci*.

#### **1.3.4 O Conceito de Lugar para a Arquitetura e Urbanismo**

A Arquitetura e o Urbanismo trabalham diretamente com o lugar, o espaço físico e a relação de seus atributos com as experiências humanas. A visão de lugar para esta área é diferenciada e controversa, apresentando várias definições para este termo.

---

<sup>24</sup> Martin Heidegger, "Language". In: *Poetry, language, thought*. 1971, p. 97-99. *Apud* NORBERG-SCHULZ, Christian. *Op. cit.*, p. 10.

<sup>25</sup> Luiz Augusto dos Reis-Alves, *O Conceito de Lugar*.

Estas definições podem ser enquadradas em duas correntes: as que se utilizam da identidade local para sua conceituação e as que não se utilizam. Na primeira vertente, o espaço somente é transformado em lugar à medida que ele apresenta elementos diferenciados e únicos, enquanto que na segunda, o atributo presença humana se destaca dos demais, ou seja, o espaço se transforma em lugar quando permite o encontro de pessoas para atividades e lazer. Alguns autores apenas destacam a possibilidade das experiências existenciais e das relações interpessoais, sem se aterem à diferenciação do espaço, criando espaços de grandes proporções repetidos aleatoriamente pela cidade, como os shoppings centers, os aeroportos, os hipermercados etc. A estes espaços pode ser aplicado o neologismo criado por Relph, de não-lugar como visto no Conceito de Lugar na Geografia Humanística.

Dentro desta bifurcação, o presente trabalho segue a linha da conceituação de lugar vinculado à de identidade, já que se acredita que o espaço só pode se tornar lugar à medida que seja um espaço identitário, seguindo o pensamento de Marc Auge em *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Portanto, serão analisados alguns pensamentos de arquitetos considerados relevantes ao tema, dando maior enfoque aos que seguem a corrente de um lugar diferenciado e único.

Para Rossi<sup>26</sup>, o espaço está vinculado à memória associada a ele, caracterizando-o por meio do tempo. Este pensamento confirma a presença do tempo na caracterização do lugar como já visto anteriormente.

Já Gregotti<sup>27</sup> considera o espaço físico apenas como um suporte para o projeto arquitetônico. Este espaço é visto como um conjunto de elementos materiais, cujas características a arquitetura tem como obrigação revelar. O espaço só se tornaria um lugar com a intervenção humana, passando a ser reconhecido e modificado no meio do desconhecido. Este pensamento não se apresenta de todo verdadeiro à medida que o espaço não deve se transformar em lugar apenas com a intervenção humana. A possibilidade do encontro de pessoas e a simples presença humana o transformam, sem que haja a obrigatoriedade de intervenção no espaço, ou seja, de modificação do espaço.

---

<sup>26</sup> Aldo Rossi, *A Arquitetura da Cidade*.

<sup>27</sup> Vittorio Gregotti, *Territory and Architecture*.

Lineu Castelo define o lugar como sendo “a qualificação que se atribui a um espaço através da percepção de suas potencialidades, objetivas e subjetivas (físicas e psicológicas) para a realização de experiências existenciais.”<sup>28</sup> Para ele, a apreensão dos estímulos ambientais pode ser de três tipos: de natureza sócio-cultural, de natureza morfológico-imagética ou de natureza frutivo-funcional. Estes três grupos de estímulos caracterizariam três tipos de lugares: o da “aura” – que ressalta os atributos físicos do lugar, sua configuração, sua imagem; o da memória – que ressalta a história do lugar, a dimensão temporal; e o da pluralidade – que ressalta a interação entre pessoas, a dimensão social. Desta maneira, para ele a presença predominante de apenas um dos três fatores transforma o espaço em lugar. No entanto, isto é frágil, pois estes três tipos de estímulos trabalham em conjunto, não podendo portanto qualificar positivamente o lugar levando em consideração apenas um destes grupos. Embora este pensamento seja frágil, a discussão levantada pelo autor sobre os tipos de estímulos existentes contribui para a formação do pensamento aqui discutido.

O conceito de identidade de Kevin Lynch visto no começo desta discussão complementa a definição de lugar para a Arquitetura e Urbanismo, já que um lugar de boa qualidade obrigatoriamente deve ser identitário e aprazível aos seus usuários, ganhando vida e sendo mantido e preservado. Para que isto ocorra é necessário que o lugar apresente boa orientabilidade e legibilidade.

A caracterização do lugar como algo único e diferenciado, ou seja, identitário, está vinculada à configuração de seu espaço, sendo portanto de grande importância a análise desta configuração por aspectos de desempenho da arquitetura apresentados no item ‘O que é Arquitetura?’. A análise de cada um destes aspectos separadamente implica um tipo diferenciado de identidade para o objeto. Por exemplo, numa cidade, utilizando-se do aspecto sociológico, seguindo o pensamento desenvolvido por Holanda, a identidade da cidade seria apenas formal ou urbana – termos criados por ele para caracterizar um determinado conjunto de variáveis deste aspecto, sendo urbana aquela localidade que apresente: a) seus espaços abertos minimizados em prol de seus espaços ocupados; b) “menores unidades de espaço aberto (ruas, praças); c) maior número de portas abrindo para

---

<sup>28</sup> Lineu Castello, *A Percepção de Lugar: repensando o conceito de lugar em Arquitetura e Urbanismo*.



lugares públicos (jamais paredes cegas)<sup>29</sup>; d) espaços segregados e *guetizados* minimizados e; e) “efeitos *panópticos* pelos quais tudo se vê e vigia”<sup>30</sup>, onde um indivíduo consegue ver tudo sem ser visto, criando em quem é visto uma sensação permanente de controle. Já uma cidade formal seria aquela que apresente as características contrárias às citadas para a localidade urbana. Esta mesma cidade apresentaria como identidade estética a classificação de bela ou feia, e assim por diante. No entanto, apenas esta caracterização não seria satisfatória para este trabalho; ainda assim a utilização dos aspectos de desempenho da arquitetura seria de grande valia para revelação de sua identidade, já que, como já dito, a identidade está vinculada à configuração espacial. Por opção, parte-se da combinação de três aspectos: o aspecto estético de desempenho da arquitetura, o aspecto topoceptivo e o aspecto sociológico por meio da Sintaxe Espacial, que apresentam análises configuracionais complementares e variáveis aqui consideradas primordiais para a caracterização da identidade.

Dentro deste segmento destaca-se para este trabalho a conceituação do lugar vinculada à de identidade e a combinação do aspecto estético, do aspecto topoceptivo e do aspecto sociológico de desempenho da arquitetura como meio de caracterização da identidade de um lugar.

### **1.3.5 O Lugar e a Identidade**

Todos os conceitos dos aspectos analisados acima possuem em comum a relação entre o espaço e o homem, confirmando a definição de Noberg-Schulz apresentada anteriormente. A relação entre o espaço e o homem é analisada dentro de parâmetros diferenciados que propiciaram uma visão mais completa do tema.

Pelo pensamento da Geografia Humanística, pôde-se chegar à definição de lugar empregada aqui: espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado por meio da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas. Esta definição e significado permitem o reconhecimento do espaço mencionado no pensamento filosófico, definindo portanto o lugar como algo

---

<sup>29</sup> Frederico de Holanda, *Arquitetura & Urbanidade*, p.16.

<sup>30</sup> Frederico de Holanda, *Arquitetura & Urbanidade*, p.16.

identificado e diferenciado dos demais, ou seja, identitário. Já a definição de identidade para este trabalho permanece seguindo o pensamento de Kevin Lynch, sendo as características que personificam os objetos, diferenciando-os entre si e dando-lhes um significado de individualidade ou unicidade. Estas características, neste trabalho, seguindo conceitos empregados nos aspectos expostos aqui, seriam a composição específica e única de seus atributos físicos espaciais, ou seja, de seus elementos estruturais, a relação específica entre o homem e o espaço, ou seja, a apropriação do espaço e a história do espaço definida pelo tempo. A presença conjunta destes três elementos caracterizaria a identidade neste trabalho. No entanto, é importante deixar claro que esta foi uma opção; existem outros aspectos que podem caracterizar a identidade, mas que não estão sendo considerados aqui por uma questão de escolha.

Nesta visão, e seguindo o pensamento de Reis Alves, a identidade é um elemento primordial na definição de lugar, não existindo um sem o outro, e é esta aglutinação que dá sentido ao lugar, é a necessidade de ser apenas ele como um elemento único, diferenciado dos demais em todos os sentidos, não só dos atributos físicos, mas também dos vínculos criados com seus usuários que fazem do espaço um lugar.

#### **1.4 Conceituação da Metodologia Empregada**

Partindo-se do objetivo desta dissertação – a caracterização da identidade de uma cidade – e utilizando-se dos fatores que a caracterizam – a configuração do lugar, a apropriação do espaço e sua história – foi escolhida a metodologia de análise empregada.

- Inicialmente propõe-se a análise da evolução da forma da cidade sob a ótica da identidade, foco em questão. Esta análise serve de apoio para o estudo da forma-espaço da cidade por meio do aspecto estético, topoceptivo e sociológico de desempenho da arquitetura – aqui escolhidos por estes três aspectos permitirem uma melhor caracterização da configuração do espaço e

consequentemente de sua identidade – auxiliada pela aplicação de questionários a uma parcela da população local.

Nota-se que a análise proposta para o espaço vincula-se aos fatores caracterizadores da identidade, o que justifica sua escolha.

A conceituação da análise feita para cada prisma escolhido será explicitada no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO 2

---

### CONCEITOS, MÉTODOS E TÉCNICAS

*“A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade. No próprio decorrer da vida de um homem, a cidade muda de fisionomia em volta dele, as referências não são as mesmas.”<sup>31</sup>*

Este capítulo tem por objetivo aprofundar a metodologia escolhida. Para um melhor entendimento, a abordagem desta metodologia será explicada em aspectos teóricos, metodológicos e técnicos para cada um dos prismas investigados.

Antes, no entanto, é importante ressaltar que a apresentação da metodologia destes três prismas será feita seguindo o foco proposto: a caracterização da identidade local, o que resulta em uma leitura metodológica de cada prisma simplificada se comparada às demais pesquisas já apresentadas. Não é a proposta aqui apresentar todas as variáveis desenvolvidas por outros autores para cada prisma, mas sim apresentar apenas as variáveis que contribuem para a caracterização da identidade da cidade escolhida como estudo de caso.

O capítulo se estrutura em cinco partes. Nas três primeiras, serão apresentadas separadamente a teoria e a metodologia da estética, da topocepção e da Sintaxe Espacial<sup>32</sup> aplicadas nesta dissertação, enquanto que as duas últimas partes terão por objetivo fechar a conceituação metodológica da análise por meio da explicação de como será feita a junção dos resultados decorrentes da análise do espaço mediante estes três aspectos e apresentar o estudo de caso citado na introdução e a ser analisado nos demais capítulos.

---

<sup>31</sup> Aldo Rossi. *A Arquitetura da Cidade*, p.57.

<sup>32</sup> Sintaxe Espacial, criada por Bill Hillier, é um conjunto de técnicas de entendimento e representação espacial que geram subsídios para a investigação do espaço por meio das articulações urbanas, possibilitando ou restringindo a acessibilidade e o sistema de encontros e esquivanças.

## 2.1 Estética

### 2.1.1 Aspectos Teóricos

Por aspectos teóricos, segundo Holanda, entende-se “o conjunto de reflexões sobre uma certa área da realidade – que a própria teoria delimita – por meio do relacionamento entre itens de conhecimento.”<sup>33</sup>

Pelo dicionário de Filosofia de W. Brugger, estética é a percepção sensorial, podendo ser lida como a ciência da percepção sensível em oposição à ciência do conhecimento intelectual. Este termo foi empregado pela primeira vez por Baumgarten (1750). Kant (1724-1804) observou que o prazer gerado pelo objeto mediante sua contemplação não provém do objeto, mas sim do próprio homem. Schiller (1759-1805), influenciado por Kant, desenvolveu uma doutrina filosófica sobre a beleza, onde estética para ele passa a ser a ciência do belo. A partir daí derivam todos os sentidos de gosto, juízo de gosto e estilos que se conhecem.

Segundo Silvio Colin<sup>34</sup>, teorias estéticas ligadas diretamente à arquitetura foram formuladas, podendo atualmente ser divididas em dois grupos: as poéticas subjetivistas e as poéticas objetivistas. As teorias poéticas subjetivistas se apóiam nas emoções empregadas pelo artista em sua obra e na subjetividade da leitura feita pelo espectador que contamina as obras de arte com a projeção de suas emoções. Já as teorias poéticas objetivistas se voltam para a análise formal dos elementos da obra de arte, suas figuras, cores, linhas e massas, que seriam responsáveis por meio de suas proporções, ritmos e harmonias, pelo prazer estético identificado pelo espectador.

Este trabalho enfatiza a teoria objetivista da estética, sendo, a estética, tratada como a ciência da percepção sensível em oposição à ciência do conhecimento intelectual aplicada a artefatos e a elementos naturais, já que o sitio da cidade também é parte constitutiva da configuração da cidade e deve ser objeto de análise estética.

---

<sup>33</sup> Frederico de Holanda, *Teoria do Conhecimento e dos Espaços Construídos – Notas de Aula*, 2001.

<sup>34</sup> Silvio Colin, *Uma Introdução à Arquitetura*.

Segundo Mauricio Pulls<sup>35</sup>, no mundo artificial, artefatos podem ser encarados como: **bens**, de utilidade material que atendem as necessidades corporais do homem, e **signos**, de utilidade ideal que expressam os pensamentos e sentimentos dos homens, que constituem um saber sobre os homens e as coisas. Os objetos podem ser apenas bens ou apenas signos, como também bens e signos. De maneira geral, as culturas sempre fazem um sobre-investimento nos objetos práticos, ao incluir neles, além da dimensão prática (bem), uma dimensão sógnica. A obra de arte está vinculada à dimensão sógnica; sendo assim, todo objeto que apresente esta dimensão, independentemente de também se apresentar como um bem, possui um desempenho estético que pode ser avaliado em uma gradação qualitativa. Ela é a manifestação de um código cultural, que desvela uma faceta fundamental da essência humana e permite que o homem possa mudar o que não o está satisfazendo em sua vida. Estes códigos são de amplitude diversa, a depender do aspecto, podendo ser divididos em três grupos, seguindo o pensamento de Holanda<sup>36</sup>: os universais – todos percebem o objeto de forma igual; os grupais – cada grupo percebe de forma diferenciada o objeto, devido a suas expectativas sociológicas, históricas e culturais reveladas no espaço e no tempo; e os individuais – cada indivíduo percebe o objeto de forma diferenciada, utilizando-se de valores pessoais intransponíveis. A obra de arte, portanto, possui elementos que permitem a decodificação universal, grupal ou individual, satisfazendo assim a todos, a um grupo ou apenas a uma pessoa dependendo do código que ela implique.

Na arquitetura os prédios podem ser lidos como bens (valor de uso material) ou signos (valor de uso ideal). Ao contrário de outros tipos de arte, na arquitetura a relação entre o homem e o objeto não se resume apenas à observação deste por aquele, mas também à interação humana com o objeto, manipulando-o e se fazendo integrante da própria obra, como pode ser visto em Pulls:

Nela [arquitetura], a relação entre o homem e a coisa não se resume ao elo entre o sujeito que percebe e o objeto percebido. O sujeito observa o objeto, mas também o manipula, para nele realizar seus fins: dormir, consumir, produzir.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Mauricio Pulls, *Arquitetura e Filosofia*.

<sup>36</sup> Frederico de Holanda, *A arquitetura Sociológica*.

<sup>37</sup> Mauricio Pulls, *Arquitetura e Filosofia*, p. 12.

A estética não foi desenvolvida para analisar apenas objetos arquitetônicos, necessitando, portanto, desenvolverem-se categorias específicas para o caso da arquitetura, já que esta é constituída não apenas de elementos escultóricos, mas também pelo espaço. Seguindo o pensamento de Coutinho<sup>38</sup>, a arquitetura é a única arte cujos elementos de linguagem são atributos do espaço (dimensões e forma, luz, sombra, ruídos, silêncio, temperatura, movimento do ar, aromas). Arquitetura é realidade, não representação. A autonomia da arquitetura está em sua matéria, o espaço, e não em seu invólucro escultórico. Não existe fronteira estética entre o observador e o observado, podendo as pessoas penetrarem no espaço da arquitetura, fazendo-se elementos dele por sua presença, modificando-o.

### 2.1.2 Aspectos Metodológicos

Segundo Medeiros, “o método consiste no estabelecimento de conceitos, categorias analíticas, seu relacionamento, e etapas ou passos de procedimento.”<sup>39</sup> Esta definição pode ser complementada seguindo o pensamento de Bueno<sup>40</sup>, para o qual o método “compreende a ordem que se segue em uma investigação, e o raciocínio utilizado para se chegar ao conhecimento ou à demonstração para alcançar um fim determinado.”<sup>41</sup>

A Estética tem como metodologia a análise do espaço mediante as Leis de Composição Plástica. As leis de composição plástica revelam se o objeto está belamente estruturado ou não. Estas leis se associam às Leis da Gestalt, vinculadas à percepção visual e à formação de imagens, inclusive de lugares, pelo indivíduo. A apreensão dos objetos (lugares) é feita mediante o todo resultante das relações entre suas partes. O objeto não é lido primeiramente pela qualidade individual das partes e sim pela unidade que elas definem. As leis da Gestalt demonstram como os elementos são percebidos e estruturados na mente humana. Segundo Holanda, “são

---

<sup>38</sup> Evaldo Coutinho, *O espaço da arquitetura*.

<sup>39</sup> Valério Augusto S. de Medeiros, Projeto de Pesquisa – URBIS BRASILIAE ou Sobre cidades do Brasil: inserindo assentamentos urbanos do país em investigações configuracionais comparativas, p.13.

<sup>40</sup> Silveira Bueno, *Minidicionário de Língua Portuguesa*, p.510.

<sup>41</sup> Valério Augusto S. de Medeiros, Projeto de Pesquisa – URBIS BRASILIAE ou Sobre cidades do Brasil: inserindo assentamentos urbanos do país em investigações configuracionais comparativas, p.13.

a infraestrutura da percepção, sobre a qual se dá a composição plástica.”<sup>42</sup> A formação de todos definidos por elementos que se agrupam, seguindo as Leis da Gestalt, ainda não caracteriza todos belos; no entanto, sua análise é fundamental para a existência de uma composição plástica bela, já que revelam um propósito em sua formação e não apenas um somatório de elementos, contribuindo assim para a identidade do objeto. Isto pode ser visto em Kolsdorf:

(...) As noções de conjunto e totalidade são indispensáveis ao entendimento da forma dos lugares, como conexões de diferentes níveis de complexidade do real. Significam, por um lado, que a organização de elementos não é um mero somatório, mas gera uma nova entidade; por outro, que esta não se qualifica como estrutura pela ausência de movimento, mas por admitir uma série de transformações, ainda que permaneçam certos atributos responsáveis por sua identidade.<sup>43</sup>

A arquitetura, por possuir por essência a realidade e por matéria específica o espaço, deve apresentar categorias analíticas estéticas não só escultóricas (embora tenha de incluí-las), mas também voltadas para os atributos do espaço. Estas categorias se dividem em descritivas – descrevem o objeto; e avaliativas – avaliam como os elementos descritos na fase anterior estão organizados e se articulando com os demais, utilizando como parâmetro as leis de composição plástica.

### 2.1.3 Categorias Analíticas

A forma do espaço será analisada em suas três dimensões, por meio de planta e elevação, segundo categorias descritivas e categorias avaliativas.




As categorias descritivas, como o próprio nome já sugere, descrevem o objeto, neste caso o lugar como arquitetura, utilizando-se de parâmetros de composição plástica e de percepção sensorial. Visam caracterizar a **identidade** do objeto: qual é e se está forte e claramente definida. Sendo assim, primeiramente é feita a análise descritiva da forma da cidade utilizando as seguintes categorias analíticas:

---

<sup>42</sup> Frederico de Holanda, *Notas de aula*.

<sup>43</sup> Maria Elaine Kohlsdorf, *A Apreensão da Forma da Cidade*, p.40.



Quadro 1 – Categorias Analíticas Descritivas da Estética - Roteiro de Observação	
<b>A) Elementos de Sítio Físico:</b>	
Atributos do sítio físico podem contribuir para a identidade do local.	
<b>A.1) Relevo:</b>	
Forma do relevo e seu papel na definição do espaço.	 <p>Rio de Janeiro Fonte: <a href="http://www.travelblog.org">www.travelblog.org</a></p>
<b>A.2) Sistema Hídrico:</b>	
Configuração dos cursos d'água e seu papel na definição do espaço.	 <p>Nova Friburgo – RJ (Ano: 2006)</p>
<b>B) Vazios:</b>	
Os vazios contribuem para o desempenho estético quando existem para dar sentido a um plano maior, de conjunto, ou da mesma forma, quando são diferenciados por seu papel neste mesmo conjunto.	
<b>B.1) Finito/ Infinito:</b>	
<b>Finito:</b> (Fechamento do Espaço)  O espaço é definido por barreiras reais que criam um fechamento, uma unidade espacial <b>concretamente</b> definida por elementos escultóricos. O elemento primordialmente percebido é o <b>vazio</b> .	 <p>Nova Friburgo – RJ (Ano: 2006)</p>

<p><b>Infinito:</b> (Fluidez do Espaço)</p> <p>Elementos escultóricos apresentam-se soltos no espaço sem definirem a configuração concreta de um lugar. O espaço é uma unidade <b>virtualmente</b> configurada, seus limites são linhas ou planos imaginários, <b>sugeridos</b>, mais que <b>definidos</b>, pelos volumes. A configuração do <b>aberto</b> é pouco legível, e o elemento primordialmente percebido é o <b>cheio</b>.</p>	 <p>Pirâmides do Egito Fonte: <a href="http://alemdacivilizacao.blogspot.com/2008_01_01_archive.html">http://alemdacivilizacao.blogspot.com/2008_01_01_archive.html</a></p>
<b>B.2) Tamanho:</b>	
<p><b>Maior Relação entre Comprimento e Largura do Vazio – Definição de Rua:</b></p> <p>Ocorrência de espaços destacados pelo grande tamanho <b>em uma dimensão</b> – elementos <b>lineares</b> fortes em planta.</p>	 <p>Champs Elysees Fonte: tiagomartins.wordpress.com</p>
<p><b>Menor Relação entre Comprimento e Largura do Vazio – Definição de Praça:</b></p> <p>Ocorrência de espaços destacados pelo grande tamanho <b>em duas dimensões</b> – elementos <b>bidimensionais</b> fortes em planta.</p>	 <p>Praça de São Marcos Fonte: www.joaocalado.net</p>
<b>B.3) Luz/ Sombra:</b>	
<p>Intensidade, tipo, distribuição do jogo de luz e sombra.</p>	 <p>ICC – UnB Fonte: Frederico de Holanda</p>
<p><b>C) Cheios:</b></p> <p>A diferenciação dos cheios entre comum e especial contribui para o bom desempenho estético do conjunto. Além disso, os cheios devem conter atributos que os</p>	

caracterizem como belos.

### C.1) Ritmo Regular/ Ritmo Irregular:

#### Ritmo Regular:

Espaçamentos iguais repetidos uniformemente. A utilização desta categoria permite a configuração dos elementos do objeto de forma cadenciada sem diferenciação, permitindo uma leitura contínua e uniforme do objeto.



Palácio do Itamaraty - Bsb  
Fonte: flickr.com/photos/xenia\_antunes

#### Ritmo Irregular:

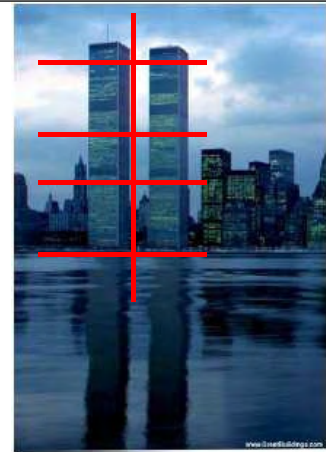
Espaçamentos desiguais repetidos uniformemente. A utilização desta categoria permite a configuração dos elementos do objeto de forma diferenciada, permitindo uma leitura descontínua e variada do objeto.



Sede da Editora Mondadori - Itália  
Fonte: www.dw-world.de

### C.2) Proporção:

Equivalência ou equilíbrio de duas partes.



World Trade Center - EUA  
Fonte: www.greatbuildings.com/cgi-bin/gbi.cgi/World\_Trade\_Center.html/

### C.3) Harmonia/ Dissonância:

#### Harmonia:

A subordinação de todas as partes a uma determinada lei que concilia todos entre si.



Congresso Nacional - Brasília  
Fonte: www.acheiweb.com.br

**Dissonância:**

Rompimento da harmonia.



Ed. Candido Mendes – Praça XV – RJ  
Fonte: [www.ucam.edu.br](http://www.ucam.edu.br)

**C.4) Simetria/ Assimetria:****Simetria:**

A distribuição e disposição de formas e espaços equivalentes em relação a um ponto, eixo, plano ou volume.



Igreja São Francisco de Assis – Ouro Preto



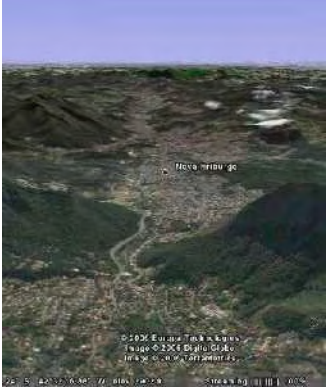
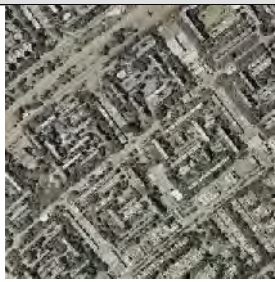


Traçado de Brasília  
Fonte: [www.guiabsb.com.br](http://www.guiabsb.com.br)

**Assimetria:**

O contrário de simetria.

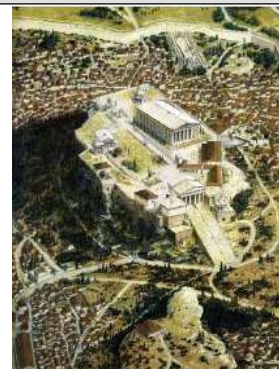


Guggenheim – Bilbao  
Fonte: [www.worldenough.net](http://www.worldenough.net)

	 <p data-bbox="1054 629 1398 696">Traçado Nova Friburgo – RJ Fonte: Google Earth</p>
<p data-bbox="209 730 643 768"><b>D) Relações Vazios/ Cheios:</b></p> <p data-bbox="209 824 1461 969">A noção de conjunto formada pela relação cheio + vazio (estabelecida não gratuitamente, mas em função de princípios ordenadores) auxilia na pregnância desejável ao bom desempenho estético.</p>	
<p data-bbox="209 987 624 1025"><b>D.1) Isotropia/ Anisotropia:</b></p>	
<p data-bbox="209 1043 663 1081"><b>Isotropia:</b> (Geometria Regular)</p> <p data-bbox="209 1137 967 1395">Quando se intui a forma global do objeto (espaço) sem necessidade de percorrê-lo/circundá-lo, de mudar o ponto de observação. Quando se entende a lógica do espaço e este é apreendido sem precisar ser circundado.</p>	 <p data-bbox="1102 1335 1347 1368">Fonte: Google Earth</p>  <p data-bbox="1015 1653 1437 1720">Traçado das superquadradas de Bsb. Fonte: <a href="http://www.guiabsb.com.br">www.guiabsb.com.br</a></p>
<p data-bbox="209 1720 711 1758"><b>Anisotropia:</b> (Geometria Irregular)</p> <p data-bbox="209 1814 967 2011">Necessidade de percorrer/circundar o objeto, mudando o ponto de observação para poder entender sua lógica e poder apreendê-lo. O contrário de isotropia.</p>	 <p data-bbox="1054 1944 1398 2011">Traçado de Ouro Preto Fonte: <a href="http://www.macamp.com.br">www.macamp.com.br</a></p>

### D.3) Hierarquia (Diferenciação):

Os elementos se apresentam dispostos no conjunto obedecendo a uma ordem estabelecida pelo grau de importância de cada um. Uma das usuais representações de hierarquia é a centralidade, onde os elementos se apresentam dispostos em torno de um elemento principal.



Representação da acrópole da Grécia Antiga  
Fonte: Matheus Gorovitz

### E) Elementos Complementares:

A distinção clara do que é comum e do que é especial por meio dos elementos complementares<sup>44</sup> reforça a pregnância do lugar e a noção de conjunto, favorecendo a dimensão estética.

### F) Relações Paisagem Natural x Paisagem Construída:

A maneira pela qual se dão as relações entre paisagem natural e paisagem construída pode denotar a visão de mundo e ou a cultura embutida na criação do lugar.

#### F.1) Antítese com a Natureza:

O espaço construído se contrapõe ao espaço natural, negando-o.



Ville Savoye - França  
Fonte: [www.honoluluacademy.org](http://www.honoluluacademy.org)

<sup>44</sup> Elementos complementares: Sinalização e elementos de propaganda (placas, letreiros, totens), pequenas construções (bancas de revistas, abrigos de ônibus, coretos), mobiliário urbano (esculturas, bancos, lixeiras, telefones públicos, caixas de correios, postes, luminárias, cercas, hidrantes, fontes), elementos de engenharia urbana (viadutos, passarelas, pontes, piers), superfícies horizontais (calçadas, asfalto, areia, blocos de concreto, água), vegetação (forrações, arbustiva, arbórea).

## F.2) A Paisagem Construída Reforça a Paisagem Natural:

O espaço construído respeita a conformação do espaço natural, se adaptando a ele e reforçando-o.

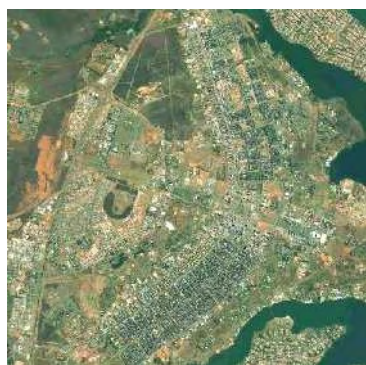


Monte St. Michell - França  
Fonte: [www.conteudoeditora.com.br](http://www.conteudoeditora.com.br)

A combinação de algumas categorias descritivas implica a formação de duas outras categorias descritivas, que também podem ser consideradas como categorias sínteses, que se vinculam a visões de mundo diferenciadas, utilizando-se para isso definições de Frederico Holanda<sup>45</sup>:

### Quadro 2 – Categorias Descritivas Sínteses da Estética (Visões de Mundo)

#### A) Apolíneo<sup>46</sup>:



Brasília


Fonte: [www.sc.df.gov.br](http://www.sc.df.gov.br)

- Regularidade geométrica (traçados reguladores, configurações puras, abstratas, nas formas e nos espaços – nos cheios e nos vazios)
- Simetria
- Economia de meios, contenção
- Inserção no contexto por contraste
- Utilização de materiais artificiais
- Privilégio do pensamento
- Coletividade, objetividade
- Ritmos regulares: repetição de dimensões formais-espaciais similares
- Estático
- Mudanças pouco acentuadas na percepção da forma-espço no deslocamento/ no tempo

<sup>45</sup> Frederico Holanda, *Nota de Aula: Apolíneo e Dionisíaco*.

<sup>46</sup> O termo apolíneo e dionisíaco foi criado por Nietzsche no texto *A origem da Tragédia* para tratar do tema da poesia ingênua e sentimental desenvolvido por Schiller. Burke e Solger também escreveram sobre isso.

Estes dois termos antitéticos foram inspirados nos deuses gregos Apolo e Dionísio. Eles possuem características distintas apresentadas no corpo desta dissertação que se vinculam a um comportamento específico, a um tipo de visão de mundo, sendo o apolíneo clássico e voltado para o coletivo, e o dionisíaco bucólico e voltado ao indivíduo. Maiores informações ver: Nietzsche, *A origem da Tragédia*, 1958.

<b>B) Dionisiaco:</b>	
 <p>Ouro Preto Fonte: www.planetware.com</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Irregularidade geométrica (configurações livres, inspiradas pela natureza, nas formas e nos espaços – nos cheios e nos vazios)</li> <li>• Assimetria</li> <li>• Profusão de meios, exuberância</li> <li>• Inserção no contexto por imitação</li> <li>• Utilização de materiais naturais</li> <li>• Privilégio do sentimento</li> <li>• Individualidade, subjetividade</li> <li>• Ritmos irregulares: múltiplas dimensões formais espaciais variadamente relacionadas</li> <li>• Dinâmico</li> <li>• Mudanças muito acentuadas na percepção da forma-espço no deslocamento/ no tempo</li> </ul>

Em um segundo momento, após a descrição do local, são empregadas as categorias analíticas avaliativas, utilizando-se da compilação das Leis de Composição Plástica feita por Holanda<sup>47</sup>, baseado em Kolsdorf e Eliel:

<b>Quadro 3 – Categorias Avaliativas da Estética</b>	
<b>A) Leis da Composição Plástica:</b>	
<b>A.1) Simplicidade/ Complexidade:</b>	
<p>O objeto deve possuir elementos simples, mais numerosos e repetitivos, e elementos complexos, raros, que estimulem a percepção e favoreçam a formação de imagens. Estes elementos complexos devem possuir uma configuração rica em elementos e informação.</p>	

<sup>47</sup> Frederico de Holanda, *Notas de Aula: Estética*.



<b>A.2) Semelhança/ Diferença:</b>	
O objeto deve apresentar elementos semelhantes e poucos elementos que se destaquem no conjunto. Neste caso este destaque pode ser feito por elementos simples ou complexos, com uma configuração rica ou não.	
<b>A.3) Nivelamento Dominância:</b>	
O objeto deve apresentar elementos que formem uma base geral da composição e poucos elementos que dominem a composição, por diferenciar-se por tamanho ou por predominância de determinadas dimensões.	

É importante ressaltar que neste trabalho a avaliação da beleza da cidade apresentar-se-á em variações de níveis – do mais simples aos mais complexos; do belo apenas por sua composição plástica ao belo que manipula a composição plástica para chegar-se à noção de visão de mundo. Para que uma visão de mundo esteja incluída na beleza de uma cidade, tornando-a mais bela do que as demais cidades, necessita-se que a obra tenha todos os atributos articulados de uma maneira específica. Para a revelação destes níveis de qualificação serão utilizadas todas as categorias propostas anteriormente.

No entanto, mesmo qualificando a cidade estudada por sua beleza, a ênfase do trabalho estará voltada para a análise das categorias descritivas e das categorias avaliativas, visando à descrição do objeto por meio do reconhecimento de suas partes e da articulação destas com as demais, revelando os elementos primordiais para a identificação do lugar.

### 2.1.4 Aspectos Técnicos

Por técnicas, segundo o pensamento de Holanda, “entende-se um saber fazer prático que constitui a base para a reflexão teórico-metodológica. São um conjunto de modos de busca de informação e de representação de uma determinada realidade, que permite pensá-la com determinados objetivos.”<sup>48</sup>

(1) Representação do espaço:

- Mapa de Iluminação do Centro de Nova Friburgo:

Representação gráfica da intensidade de iluminação solar nas áreas do espaço urbano. Este mapa possibilitará a verificação de locais que se destaquem por sua diferenciação em relação ao conjunto na iluminação solar.

- Mapa de Gabarito do Centro de Nova Friburgo:

Exposição das alturas das edificações existentes na área de estudo. Este mapa permitirá verificar a existência ou não de uma uniformidade na leitura das alturas das edificações.

- Mapa de Figura e Fundo do Centro de Nova Friburgo:

Este mapa permitirá analisar a relação entre os cheios e os vazios do sistema.

## 2.2 Topocepção

### 2.2.1 Aspectos Teóricos

Para este trabalho, a Topocepção tratará da fisionomia das cidades e a facilidade ou dificuldade de compreendê-las e se orientar nelas. Esta dificuldade ou facilidade está ligada à forma física do espaço e aos estímulos produzidos a partir de efeitos visuais existentes na forma-espaço da cidade. Para esta pesquisa, a topocepção

---

<sup>48</sup> Frederico Holanda, 2001.

será vista como a infraestrutura da estética, sendo portanto complementar à análise estética da cidade. Este pensamento se baseia na afirmação de que uma cidade de bom desempenho estético apresentará concomitantemente um bom desempenho topoceptivo, mas a recíproca não é verdadeira. Uma cidade que apresenta um bom desempenho estético apresenta intrinsecamente em sua forma elementos plásticos articulados com uma lógica entendível ao cérebro humano, logo sendo passível de compreensão e orientação; no entanto, uma cidade que apresenta um bom desempenho topoceptivo não necessariamente apresentará seus elementos articulados de tal forma que definam uma composição plástica bela.

Pelas referências bibliográficas, esta linha se mistura com a estética, sendo importante esclarecer onde é seu começo e seu final para esta dissertação. Para isso vê-se necessário fazer uma análise bibliográfica sobre o tema.

Em 1960, Kevin Lynch desenvolveu a teoria da percepção aplicada no livro *A Imagem da Cidade*. Para desenvolver esta teoria, o autor utilizou-se de métodos da psicologia e estudos da imagem mental dos habitantes, identificando as qualidades e os elementos estruturadores da cidade. Lynch aprofundou-se em três qualidades urbanas que foram bases para trabalhos de outros autores seguidores desta linha:

- a) Legibilidade: Qualidade visual definida como “a facilidade com que suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente.”<sup>49</sup> Para o autor, um ambiente legível oferece maior segurança psicológica e um significado expressivo.
- b) Estrutura: Uma imagem pode ser decomposta em três componentes: identidade, estrutura e significado. “Uma imagem viável requer, primeiro, a identificação de outras coisas, seu reconhecimento enquanto entidade separável. A isto se dá o nome de identidade, não no sentido de igualdade com alguma outra coisa, mas com o significado de individualidade ou unicidade. Em segundo lugar, a imagem deve incluir a relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador e os outros objetos. Por último esse objeto deve ter algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional.”<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.8.

<sup>50</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.9.

- c) Imaginabilidade: São as características do objeto de evocar uma imagem forte em qualquer observador. “É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente.”<sup>51</sup>

Pode-se notar que das três qualidades urbanas definidas por Lynch, duas delas são muito parecidas, a Legibilidade e a Imaginabilidade, não havendo aqui a necessidade de se trabalhar com estas duas variáveis. Pela definição de Lynch conclui-se que se o objeto é legível e conseqüentemente tem imaginabilidade, opta-se por trabalhar aqui apenas com o termo legibilidade.

Nesta análise, Lynch se limitou aos efeitos dos objetos físicos perceptíveis, estando o conteúdo das imagens das cidades remetido às formas físicas e adequadamente classificado em cinco tipos de elementos:

- a) Vias: “São os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial.”<sup>52</sup>
- b) Limites: “São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos etc., cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. São referências laterais, mais que eixos coordenados.”<sup>53</sup>
- c) Bairros: “São as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles ‘penetra’ mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam.”<sup>54</sup>
- d) Pontos Nodais: São focos intensivos para os quais ou a partir dos quais o observador se locomove. “Podem ser basicamente junções, locais de interrupção de transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. Ou podem ser meras concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum tipo de uso ou de alguma característica física, como um ponto de encontro numa esquina ou numa praça fechada.”<sup>55</sup>

<sup>51</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.11.

<sup>52</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.52.

<sup>53</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.52.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.52-53.

e) Marcos: São elementos físicos impenetráveis que servem de referência ao observador.

Estes elementos, por terem em sua origem os efeitos causados pela forma física dos objetos, são indispensáveis na análise deste trabalho, considerando-os categorias analíticas.

Um ano mais tarde, Gordon Cullen, seguindo a linha de Lynch voltada para a imagem da cidade, escreveu o livro *Paisagem Urbana*, no qual desenvolveu sua pesquisa enfatizando os aspectos locais e geométricos da paisagem urbana, entendendo-a como “a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano.”<sup>56</sup> Esta definição de paisagem urbana é errônea, já que a paisagem urbana não é uma arte e sim o conjunto de elementos físicos que constituem um lugar, preferindo-se aqui utilizar a definição de Kevin Lynch: “paisagem urbana é algo a ser visto e lembrado, um conjunto de elementos do qual esperamos que nos dê prazer.”<sup>57</sup> Entretanto, mesmo utilizando-se da conceituação de paisagem urbana de forma errada, sua pesquisa é de grande importância para este trabalho, já que ele estuda a cidade em seu conjunto, buscando o efeito emocional proporcionado a seus usuários. A partir destes efeitos, Gordon Cullen estabelece três aspectos a serem considerados:

- a) Ótica: Utilizando a visão como elemento central, o autor estimula a criação de uma paisagem urbana cheia de surpresas ou revelações súbitas para o percurso do transeunte. Este percurso é chamado de Visão Serial, onde a cada momento é registrada uma imagem diferente. Este processo de manipulação permite a criação, a partir de uma realidade inerte, de uma situação intensamente emotiva.
- b) Local: Este aspecto diz respeito às relações humanas perante sua posição no espaço, utilizando a percepção como elemento central.
- c) Conteúdo: Este aspecto diz respeito ao conjunto da própria cidade, sua cor, sua textura, sua escala, seu estilo, sua natureza, sua personalidade e tudo que a individualiza.

---

<sup>56</sup> Gordon Cullen, *Paisagem Urbana*.

<sup>57</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*.

Por meio destes três aspectos, Cullen desenvolve sua pesquisa analisando o espaço mediante os efeitos visuais e emocionais que o próprio espaço proporciona a seu observador, o que o possibilita descrever, como dito por Melo, “arquétipos urbanos, fazendo uma interface direta com o desenho urbano.”<sup>58</sup>

O trabalho de Cullen se volta à definição da paisagem urbana no processo projetual, e não à análise da paisagem já existente, trabalhando suas variáveis para que ao empregá-las em projetos urbanos possibilitem um local de melhor qualidade para o seu usuário.

Anos mais tarde, Maria Elaine Kohlsdorf, utilizando-se das pesquisas de Lynch e Cullen, por meio da teoria em que a configuração do espaço é lida mediante a percepção humana, cria o termo “topocepção”. Kohlsdorf, em *A Apreensão da Forma da Cidade*, desenvolve processo perceptivo e de formação da imagem mental. Sua pesquisa não só analisa os cinco tipos de elementos criados por Lynch e os efeitos visuais gerados pelo espaço, como também penetra na decomposição da forma da cidade, utilizando-se de elementos de sítio físico e de composição plástica, categorias que no presente trabalho foram deslocadas para o campo da estética, já que neste caso a topocepção está vinculada apenas à questão de orientabilidade da cidade e não à decomposição da forma por meio de parâmetros de composição plástica. Aqui, a topocepção tratará apenas dos efeitos visuais do espaço, utilizando-se para isto de elementos revelados por Lynch, Cullen e Maria Elaine Kohlsdorf.

### **2.2.2 Aspectos Metodológicos**

O Método da Topocepção, nesta dissertação, está vinculado apenas à sua orientabilidade. A análise de percepção do objeto estará ligada apenas à identificação do local como elemento de orientação, utilizando-se de categorias analíticas descritivas dos efeitos visuais presentes na configuração urbana, que partem da simplificação da pesquisa de Cullen e dos cinco tipos de elementos definidos por Lynch.




As noções de conjunto e totalidade, empregados na análise estética, não serão utilizadas no método da Topocepção.

---

<sup>58</sup> Luiz Pedro Cesar Melo e Lucia Cony Faria Cidade, *Ideologia, Visões de Mundo e Práticas Socioambientais no Paisagismo*, p.125.

### 2.2.3 Categorias Analíticas

A forma do espaço será analisada em suas três dimensões, ou seja, em planta e em elevação, segundo categorias descritivas sínteses, utilizando-se de definições de Maria Elaine Kohlsdorf, Cullen, Holanda e Lynch:

<b>Quadro 4 – Categorias Descritivas Sínteses da Topocepção</b>	
<b>A) Efeitos Visuais:</b>	
<b>A.1) Estreitamento vs Alargamento:</b>	
<p>Os planos laterais se aproximam (no primeiro caso) ou se afastam (no segundo caso) do observador.</p>	 <p>Estreitamento – Guanahuato, México Fonte: Frederico de Holanda</p>  <p>Alargamento – Guanahuato, México Fonte: Frederico de Holanda</p>
<b>A.2) Direcionamento:</b>	
<p>“Configura-se quando se enfatiza a continuidade longitudinal do espaço pela estrutura alongada e bem definida dos planos laterais.”<sup>59</sup></p>	 <p>Ouro Preto</p>

<sup>59</sup> Maria Elaine Kohlsdorf, *A Apreensão da Forma da Cidade*, p. 96.

**A.3) Impedimento:**

Obstáculo ao final do campo visual, que pode ser transponível pela visão. Este obstáculo gera um efeito de surpresa e mistério do que está além.



Fonte: Frederico de Holanda

**A.4) Mirante:**

Lugar privilegiado que apresenta possibilidades visuais de maior abrangência que os demais espaços circunvizinhos.



Machu Picchu  
Fonte: Frederico de Holanda

**A.5) Efeito em y:**

Quando há no espaço uma bifurcação em forma de Y.



México  
Fonte: Frederico de Holanda

**A.6) Conexão:**

“Descontinuidade nas paredes laterais do espaço, realizada por outros canais que o interceptam, em geral ortogonalmente. Dessa forma, tem-se um recinto não mais inteiramente contido, mas com intersticialidades nos planos verticais que o delimitam.”<sup>60</sup>



Nova Friburgo (Ano: 2007)

<sup>60</sup> Maria Elaine Kohlsdorf, *A Apreensão da Forma da Cidade*, p. 97, 98.



**A.7) Inflexão de Percurso:**

Quando o trajeto apresenta desvios em seu eixo, gerando surpresas e expectativa a cada inflexão do percurso. O usuário só consegue visualizar seu percurso ao transcorrê-lo, o que cria um mistério a respeito do que irá encontrar.



Ouro Preto  
Fonte: Frederico de Holanda

**A.8) Realce:**

Elemento da composição que se destaca dos demais, comportando-se como uma acentuação ou surpresa.



Praça de São Marcos - Veneza  
Fonte: Frederico de Holanda

**A.9) Silhueta:**

Linha de delimitação entre o coroamento das edificações e os volumes celestes.



Silhueta harmônica – Manhattan  
Fonte: [www.hamidsarraf.com](http://www.hamidsarraf.com)



Silhueta desarmônica – Recife (projeto)  
Fonte: Frederico de Holanda

<b>B) Elementos de Kevin Lynch</b>	
<b>B.1) Vias</b>	
<p>“São os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial.”<sup>61</sup></p>	 <p>Av. Santa Fé, Buenos Aires – jan/2009</p>
<b>B.2) Limites</b>	
<p>“São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos etc., cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. São referências laterais, mais que eixos coordenados.”<sup>62</sup></p>	 <p>Linha Férrea, Méier, Rio de Janeiro. Fonte: <a href="http://www.panoramio.com">www.panoramio.com</a></p>
<b>B.3) Bairros</b>	
<p>“São as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles ‘penetra’ mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam.”<sup>63</sup></p>	 <p>Bairro: Leblon – Rio de Janeiro. Fonte: Google Earth</p>

<sup>61</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.52.

<sup>62</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.52.

<sup>63</sup> Idem.

#### B.4) Pontos Nodais

São focos intensivos para os quais ou a partir dos quais o observador se locomove. “Podem ser basicamente junções, locais de interrupção de transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. Ou podem ser meras concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum tipo de uso ou de alguma característica física, como um ponto de encontro numa esquina ou numa praça fechada.”<sup>64</sup>



Largo da Carioca, Rio de Janeiro

Fonte: Eliezer Sanches

#### B.5) Marcos

São elementos físicos impenetráveis que servem de referência ao observador.



Obelisco de Ipanema, Rio de Janeiro

Fonte: flickr.com

Após a análise destas categorias mediante a observação direta e mapas, será feita uma análise dos efeitos visuais encontrados, como se articulam e como estão organizados para a posterior verificação do grau de orientabilidade da cidade em questão.

#### 2.2.4 Aspectos Técnicos

(1) Representação do espaço:

<sup>64</sup> Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.52-53.

- Mapa de Efeitos Visuais da Área Estudada:

Representação gráfica da leitura do espaço por meio dos efeitos visuais encontrados nele.

- Mapa de Elementos Lynchianos da Área Estudada:

Representação gráfica da leitura do espaço por meio dos elementos Lynchianos encontrados nele. Vias, bairros, limites, pontos nodais e marcos visuais serão atributos demarcados neste mapa.

## (2) Aplicação de questionários:

Questionário aplicado a uma pequena amostra de usuários do espaço em estudo a propósito dos elementos de referencial imagético da cidade e análise dos atributos da legibilidade. Os questionários seguirão as seguintes linhas:

- A avaliação dos estímulos visuais do espaço por seus usuários, estabelecendo assim as condições de orientabilidade e identificabilidade que a configuração espacial oferece;
- O referencial imagético do lugar para seus usuários.

## 2.3 Sintaxe Espacial

### 2.3.1 Aspectos Teóricos

A Teoria da Sintaxe Espacial, ou Teoria da Lógica Social do Espaço, foi criada por Bill Hillier e colegas da Bartlett School of Graduate Studies, de Londres, na década de 1970. Esta expressão surgiu pela primeira vez em um texto escrito por Hillier et al.<sup>65</sup>, publicado em 1976. No entanto, apenas em 1984, com a publicação de *The Social Logic of Space*, escrito por Hillier e Hanson, este conceito e suas categorias analíticas básicas foram apresentados de forma mais completa. A partir de então,

---

<sup>65</sup> Bill Hillier et al. *Space Syntax*, p.147-185.

pesquisadores de todo o mundo começaram a desenvolvê-la, contribuindo para a evolução de seu arcabouço teórico.

Esta teoria se utiliza de técnicas de representação e compreensão da configuração espacial voltadas para a investigação do espaço como articulações urbanas que possibilitam ou restringem o fluxo de pessoas e veículos, revelando as possibilidades de interação entre as pessoas no espaço.

A Teoria da Sintaxe Espacial, por meio de um método e de técnicas, analisa a relação entre espaço e sociedade, onde:

- A configuração espacial, vista como um sistema de permeabilidades e barreiras, estabelecida para fins humanos (escala do edifício e da cidade); e
- A estrutura social entendida como um sistema de encontros e esquivações.

### **2.3.2 Aspectos Metodológicos**

A metodologia da Sintaxe Espacial analisa a configuração da cidade como um sistema de conexões e articulações que possibilita ou restringe a acessibilidade e o sistema de encontros e esquivações. Para isto, são oferecidos instrumentos de entendimento e representação do espaço urbano voltados para a análise da distribuição das atividades no espaço urbano e da segregação *versus* integração física das partes entre si, e entre elas e o todo da cidade.

### **2.3.3 Categorias Analíticas**

- Segregação *versus* integração física das partes entre si, e entre elas e o todo da cidade:

Esta macro categoria está relacionada a como são feitas as conexões e a revelação das áreas mais importantes na configuração urbana da cidade. Ela se subdivide em categorias analíticas que buscam estabelecer relações entre espaço e sociedade, sendo esta última entendida como um sistema de encontros e esquivações. O estabelecimento destas categorias parte da releitura de mapas de assentamentos em desenhos específicos desenvolvidos utilizando-se de técnicas específicas desta metodologia.

Dentro desta macro-categoria, o sistema de espaços abertos de um assentamento pode ser descrito de duas maneiras, seguindo definições de Holanda<sup>66</sup>:

**Convexidade (Espaços Convexos):**

“Um espaço convexo corresponde ao que entendemos por ‘lugar’ numa pequena escala: um trecho distinto de uma rua, uma praça. Ao caminhar pelo espaço aberto da cidade, sabemos intuitivamente que sempre cruzamos transições (invisíveis) entre dois lugares (entre dois espaços convexos) ao dobrarmos uma esquina, ao adentrarmos numa praça. A técnica da convexidade permite explicitar essa intuição: as fronteiras invisíveis entre esses lugares transformam-se em segmentos de linha reta no mapa de convexidade.”<sup>67</sup> A técnica da convexidade decompõe o sistema de espaços abertos de uma cidade em unidades de duas dimensões.

**Axialidade (espaços axiais):**

“Uma forte característica de identidade urbana é a maneira pela qual trechos de ruas ou praças formam sequências ordenadas ao longo de linhas retas (...) Esses eixos de deslocamento organizam muitas unidades de espaço convexo em unidades morfológicas de *ordem superior* (...) Se a técnica de convexidade permite representar o sistema espacial como um conjunto de unidades de duas dimensões, (...) a técnica da axialidade permite decompô-lo em unidades de uma dimensão que serão denominadas linhas axiais.”<sup>68</sup> Este tipo de decomposição do sistema de espaços abertos gera o mapa axial.

Estes procedimentos permitem a leitura da configuração urbana mediante diversas variáveis, algumas quantificáveis e outras apenas tratadas por meio de uma abordagem qualitativa.

O foco da análise aqui é a decomposição axial do espaço, que permitirá a caracterização da identidade urbana da cidade em questão. No entanto, a convexidade também será abordada aqui, já que possui algumas categorias de grande relevância para esta caracterização, mas não será feito o mapa de convexidade e suas categorias serão analisadas por uma abordagem qualitativa.

<sup>66</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*.

<sup>67</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*, p. 97.

<sup>68</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*, p. 98, 99.

As categorias analíticas a serem analisadas, segundo as definições de Holanda<sup>69</sup>, serão:

<b>Quadro 5 – Categorias Analíticas da Convexidade</b>	
<b>A) Constitutividade:</b>	
<p>“O sistema de espaços abertos de um assentamento pode, ou não, ser intensamente ‘alimentado’ por transições a partir dos espaços interiores. No primeiro caso, dizemos que os espaços são intensamente constituídos (...). No segundo caso, essas transições podem desaparecer completamente, gerando assim o que chamamos de espaços ‘cegos’, ou seja, aqueles definidos apenas por paredes, fossos, cercas, vegetação, ou por quaisquer outros elementos sem aberturas que levem ao interior dos edifícios ou dos lotes, pelos quais as pessoas possam passar.”<sup>70</sup> Neste trabalho, a constitutividade será analisada de forma qualitativa e não quantitativa.</p>	 <p>Pirenópolis – Espaço intensamente constituído. Fonte: Frederico de Holanda</p>
<b>B) Percentual de Espaço Aberto sobre Espaço Total:</b>	
<p>Quantidade relativa de espaços abertos de um assentamento. Expresso em porcentagens. O local a ser analisado pode se classificar em:</p> <p><b>Paisagem de Lugares:</b> (Pequena porcentagem de espaços livres)</p> <p>Possui uma configuração em que “os edifícios são vistos mais bidimensionalmente do que</p>	 <p>Buenos Aires – Paisagem de lugares</p>

<sup>69</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*.

tridimensionalmente. Eles funcionam como 'paredes' para as ruas e praças, becos, vielas e percebemos mais claramente a passagem de uma unidade espacial para outra.”<sup>71</sup>

**Paisagem de Objetos:** (Grande porcentagem de espaços livres)

Possui uma configuração em que “os edifícios ou quarteirões são claramente visíveis em sua tridimensionalidade, enquanto que o espaço aberto é constituído por um sistema de unidades espaciais, convexas ou axiais, difíceis de identificar empiricamente.”<sup>72</sup>

Esta variável será analisada apenas por observação direta sem que seja feito nenhum levantamento quantitativo.



Chandigarh – Índia – Paisagem de objetos

Fonte: [www.indiatravelite.com](http://www.indiatravelite.com)

### C) Espaço Convexo Médio:

“As unidades de espaço convexo – trechos de ruas, praças – variam de tamanho, assim como varia o espaço convexo médio de assentamento para assentamento, ou entre diferentes partes de um mesmo assentamento. (...) Lugares convexas menores têm sido historicamente identificados com utilização secular, enquanto que espaços convexas maiores com utilização simbólica.”<sup>73</sup>

<sup>70</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*, p.100.

<sup>71</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*, p. 100.

<sup>72</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*, p. 100.

<sup>73</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*, p. 100.



#### D) Percentual de Espaços Convexos Cegos:

Esta variável indica a porcentagem de espaços sem nenhuma abertura de porta voltada para ele. O espaço que possui esta característica é chamado de espaço cego.



Esplanada dos Ministérios – Bsb. Não possui nenhuma entrada voltada para ela, definindo um espaço cego.  
Fonte: Frederico de Holanda

#### E) Metros Quadrados de Espaço Convexo por Entrada:

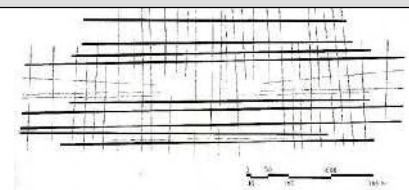
Esta variável relaciona o número de entradas existentes em um espaço convexo à sua superfície.

Aqui, esta variável não será mensurável; ela será apenas analisada intuitivamente, sem o levantamento preciso do número de entrada e da área de cada espaço convexo do sistema.

### Quadro 6 – Categorias Analíticas da Axialidade

#### A) Integração:

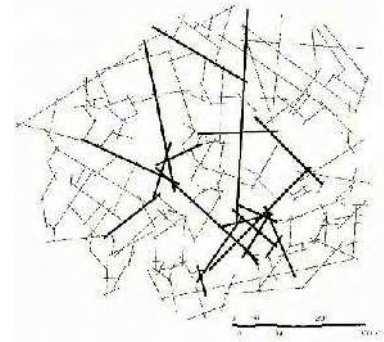
“A medida de integração (...) indica o menor ou o maior nível de integração entre as várias partes de um sistema em estudo, aqui reduzido às linhas do respectivo mapa de axialidade (...) Diz respeito à distância relativa de uma linha (ou de um conjunto de linhas, tomada a média



Mapa de axialidade das superquadras norte 405/406, Brasília, com núcleo integrador em linhas mais escuras.  
Medida de integração 3,34.  
Fonte: Frederico de Holanda

das medidas das linhas) em face das demais do sistema.”<sup>74</sup>

Esta medida é topológica e não geométrica variando de 0 a 100, segundo normalização por meio de comunicação verbal feita por Holanda a partir da tese de Medeiros<sup>75</sup>.



Mapa de axialidade do Paranoá Velho, Brasília, com núcleo integrador em linhas mais escuras.

Medida de integração 1,13.

As superquadras norte 405/406 apresentam um sistema mais integrado do que o Paranoá Velho.

Fonte: Frederico de Holanda.

## B) Inteligibilidade:

É a relação entre a medida de integração de todas as linhas axiais e o número de linhas que cada linha respectiva cruza. “O número de linhas cruzadas é chamado medida de conectividade de cada linha e, naturalmente, a conectividade do sistema é a média das conectividades de todas as linhas... Pesquisa tem mostrado que quanto maior for a inteligibilidade de um sistema mais provável será que os fluxos, tanto de pedestres, como de veículos, concentrem-se ao longo das linhas mais integradas.”<sup>76</sup>

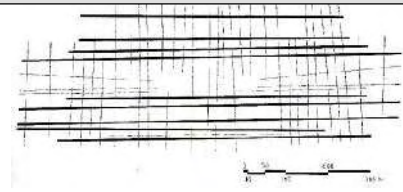
<sup>74</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*, p. 102.

<sup>75</sup> Valério Augusto Soares Medeiros, *Urbis Brasiliae ou Sobre Cidades do Brasil: Inserindo assentamentos urbanos do país em investigações configuracionais comparativas*.

<sup>76</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*, p. 103, 104.

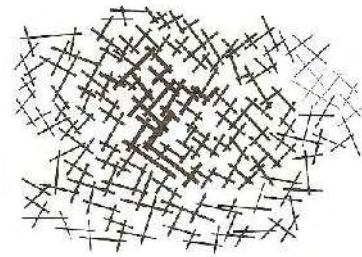
### C) Núcleo Integrador:

É o conjunto de eixos urbanos mais acessíveis a partir do sistema inteiro. “Consideramo-lo o centro morfológico da cidade, parte fisicamente mais acessível às outras.”<sup>77</sup> Sua localização depende da configuração do sistema.



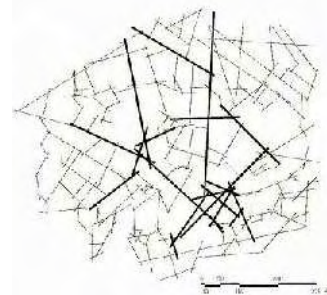
Mapa de axialidade das Superquadras norte 405/406 – Brasília. Trama integrada, o núcleo integrador vaza toda a área e a integra fortemente ao entorno, além de integrar seus elementos entre si.

Fonte: Frederico de Holanda



Mapa de axialidade de uma trama hipotética de labirinto - Sistema profundo (segregado), o núcleo tende a ficar inteiramente contido no miolo do sistema.

Fonte: Frederico de Holanda



Mapa de axialidade do Paranoá Velho – Sistema que combina as duas alternativas a cima. Algumas de suas linhas integram o assentamento ao seu entorno e algumas são completamente internas a ele.

Fonte: Frederico de Holanda

<sup>77</sup> Frederico de Holanda, *Arquitetura e Urbanidade*, p.46.

- Distribuição das atividades no espaço urbano:

As categorias analíticas utilizadas neste trabalho para mapear a distribuição das atividades no espaço urbano, baseado no pensamento de Holanda<sup>78</sup>, são:

### Quadro 7 – Categorias de Distribuição das Atividades no Espaço Urbano

#### A) Impacto das Atividades:

As atividades surtem diferentes impactos no seu entorno em relação ao número de viagens geradas. Esta variável analisa como é este impacto, se é concentrado, se é distribuído ao longo do tempo, se varia de acordo com o dia ou com o período do dia, além de estudar como estas atividades favorecem ou não a troca entre diferentes tipos de pessoas no espaço urbano.



Escola Municipal – O impacto desta atividade é concentrado em certos horários de dias determinados.  
Fonte: Manual para a Elaboração de Projetos de Edifícios Escolares na Cidade do Rio de Janeiro.



Unidade de saúde – O impacto desta atividade é distribuído ao longo do tempo e em todos os dias.  
Fonte: Manual para a elaboração de projetos de Edifícios de Saúde na Cidade do Rio de Janeiro.

#### B) Densidade das Atividades:

Esta variável analisa a correlação da ocorrência das atividades e os padrões de copresença. Segundo Holanda, “a simples densidade da ocorrência dos rótulos obviamente leva a marcantes diferenças nos padrões de copresença.”<sup>79</sup>




Copacabana – 3000 habitantes por hectare, com grande concentração de lojas e escritórios.

Fonte: [www.users.rdc.puc-rio.br](http://www.users.rdc.puc-rio.br)

<sup>78</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*.

<sup>79</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*, p. 108.

	 <p>Brasília – cerca de 20 habitantes por hectare<sup>80</sup>.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.globoonline.com.br">www.globoonline.com.br</a></p>
<b>C) Relação entre Atividades e Atributos Sintáticos do Lugar:</b>	
<p>Pela definição de Holanda: “Essa variável considera os rótulos em sua relação com os atributos sintáticos do lugar onde eles estão situados.”<sup>81</sup></p>	
<b>D) Relação das Atividades entre Si:</b>	
<p>Essa variável caracteriza a maneira pela qual as atividades se relacionam entre si, formando locais diversificados ou não. A diversidade de atividades num mesmo local pode gerar a melhoria da qualidade de vida do local, segundo Jane Jacobs<sup>82</sup>. Já a não-diversidade implica um espaço público pobremente utilizado.</p>	 <p>Centro de Nova Friburgo – Diversidade de atividades num mesmo local (Ano: 2005)</p>  <p>Setor Bancário Sul – Brasília – Não-diversidade de atividades Fonte: <a href="http://www.portalbrasil.net">www.portalbrasil.net</a></p>

<sup>80</sup> Segundo Holanda, em *O Espaço de Exceção*, esta é a densidade bruta do Plano Piloto e de seu entorno imediato, aferida a partir de trabalhos didáticos realizados na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

<sup>81</sup> Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*, p. 109.

<sup>82</sup> Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities*.

E) Índice de Copresença:	
Essa variável mede a presença real de pessoas nas ruas (eixos axiais).	

### 2.3.4 Aspectos Técnicos

(1) Representação do espaço do ponto de vista da Sintaxe Espacial:

- Mapas Lineares: Mapas Axiais.

A técnica de axialidade permite decompor o sistema urbano em um conjunto de eixos correspondentes aos elementos de circulação do sistema, mapa de axialidade, que é processado pelo programa *Mindwalk* ou pelo programa *DephMap*. Segundo Holanda, este processamento permite revelar a medida de integração de cada eixo.

Este mapa será processado, neste trabalho, pelo programa *Mindwalk*, que revelará a medida de integração de cada eixo, ou seja, de cada via do sistema, podendo ser aferida quantitativamente por valor numérico, ou qualitativamente mediante escala de cores. Esta escala de cores varia das mais quentes – vermelho, laranja e amarelo – mais integradas, às mais frias – verde, azul claro e azul escuro – menos integradas.

A informação decorrente do mapa de axialidade que interessa a este trabalho será a integração e o núcleo integrador.

## 2.4 A Interligação entre a Estética, a Topocepção e a Sintaxe Espacial

O estudo da arquitetura mediante cortes analíticos distintos pode ser entendido como um artifício que tenta isolar determinados aspectos da realidade para

aprofundar as informações decorrentes de nossas expectativas funcionais, estéticas, bioclimáticas, de apropriação social, de orientação, simbólica, econômica e afetiva em relação ao espaço. Para cada expectativa que temos em relação ao lugar, foi identificado um aspecto da arquitetura que apresenta categorias próprias a esta situação, capazes de caracterizá-la por meio de elementos e suas relações de forma apropriada. No entanto, todas estas situações ou expectativas ocorrem ao mesmo tempo, possibilitando utilizar-se delas para outras classificações.

Dentro desta visão, para a caracterização da identidade de um lugar, entende-se ser possível a utilização dos aspectos estético, topoceptivo e sociológico de desempenho da arquitetura, não apenas como aspectos de análise distintos, mas sim como complementares. Neste processo, o que realmente importa são as categorias analíticas escolhidas que, após a análise separada de cada aspecto, serão unidas mediante a compilação de dados, já que estas categorias não se apresentam sobrepostas umas às outras. Depois de feita esta compilação, será analisado o conjunto de dados gerado para, a partir dele, caracterizar a identidade local, tema em questão.

## **2.5 A Apresentação do Estudo de Caso**

Antes de finalizar este capítulo, vê-se necessária a apresentação do estudo de caso escolhido e citado na introdução deste trabalho, já que os capítulos subsequentes apresentam conteúdo direcionado para a sua análise.

Como objeto de estudo tem-se a forma da cidade de Nova Friburgo, localizada no estado do Rio de Janeiro (fig.1).

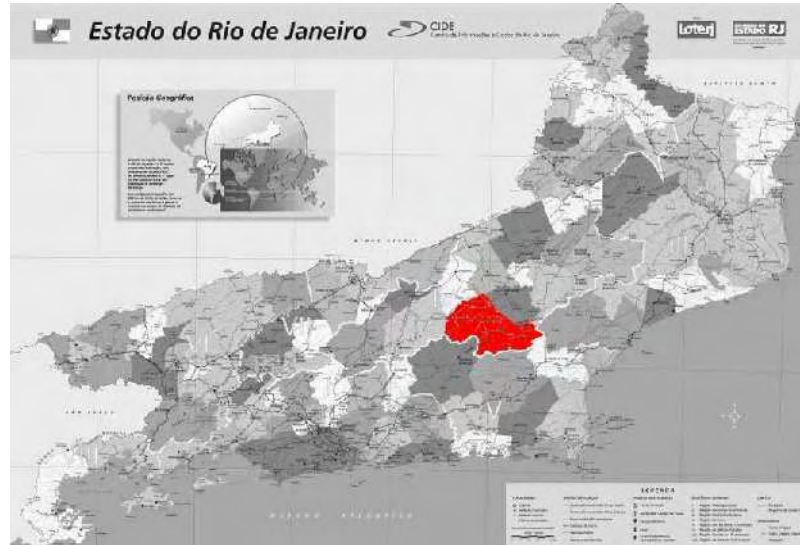


Fig. 1 – Mapa do estado do Rio de Janeiro com Nova Friburgo em destaque.

Fonte: [www.cide.rj.gov.br](http://www.cide.rj.gov.br)

Esta cidade se encontra na região centro-norte fluminense, no alto da Serra do Mar. Possui 938,5 km<sup>2</sup> a uma altura de 846 m do nível do mar e a 136 km de distância da cidade do Rio de Janeiro – cidade que a influencia (fig.2). Esta cidade apresenta uma população de 173.418 habitantes, sendo que deste total 87,6% vivem em área urbana e 12,4% em zona rural<sup>83</sup>.

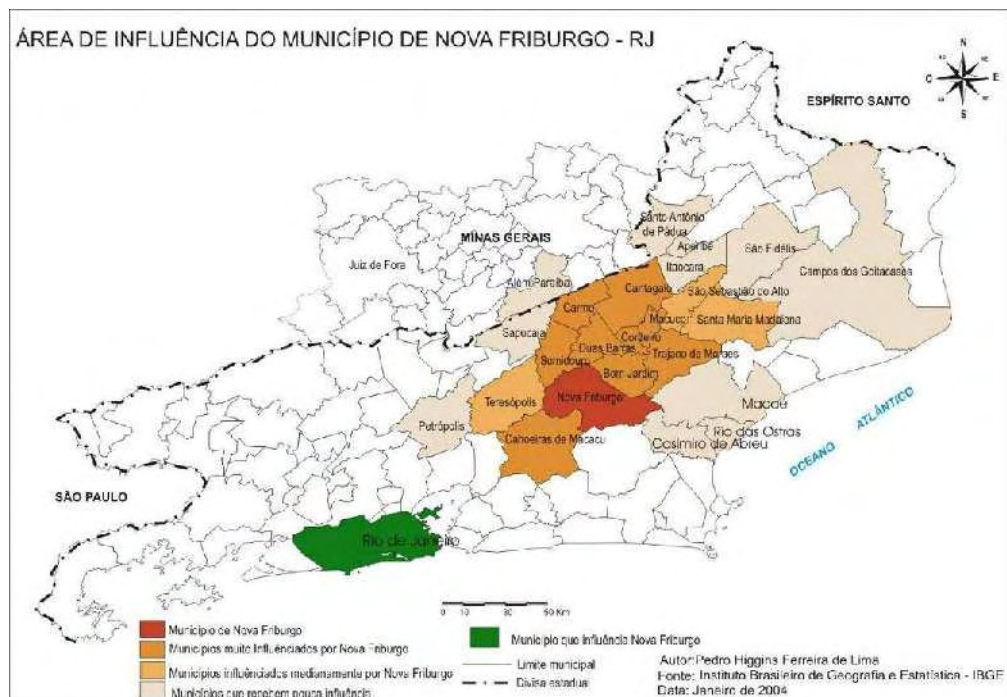


Fig.2 - Área de influência do município de Nova Friburgo.

Fonte: Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.

<sup>83</sup> Referência do CIDE 2001 (Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro).



A Serra do Mar se subdivide em várias serras que se ramificam. Nova Friburgo se localiza na Serra dos Órgãos, grande batólito granítico de rochas magmáticas intrusivas e parte mais elevada da Serra do Mar, possuindo, portanto, um relevo montanhoso onde se destacam morros, serras e picos (fig.3). Estas ramificações da Serra dos Órgãos delimitam o município, gerando um clima seco e frio.

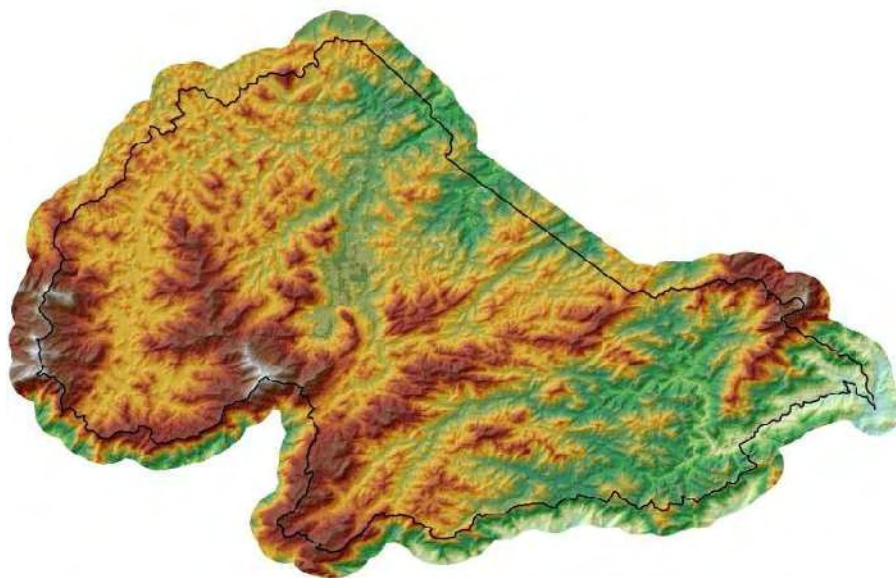


Fig.3 – Mapa de relevo do município de Nova Friburgo.

Fonte: Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.

A cidade é irrigada por quatro bacias hidrográficas – Bacia Hidrográfica do Rio Bengalas, Bacia Hidrográfica do Alto do Rio Grande, Bacia Hidrográfica dos Ribeirões São José, Capitão e São Domingos e Bacia Hidrográfica do Rio Macaé (fig.4). Os principais rios da região são: o Rio Bengalas e seus afluentes Rio Cônego e Rio Santo Antônio, o primeiro atravessando grande parte da cidade, inclusive o centro, e os últimos oriundos do bairro do Cônego e de Santo Antônio respectivamente, o Rio Grande e o Rio Macaé, que nasce no Verdun e atravessa Lumiar, enquanto que os vales maiores são os das micro bacias do Rio Grande, Rio Bengalas e Rio Macaé.



Fig. 4 – Mapa de bacias hidrográficas e área de conservação do município de Nova Friburgo.

Fonte: Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.

O município de Nova Friburgo se divide em oito distritos: Nova Friburgo (sede), Mury e Conselheiro Paulino, localizados na Bacia Hidrográfica do Rio Bengala; Riograndina e Campo do Coelho, localizados na Bacia Hidrográfica do Alto do Rio Grande; Amparo, localizado na Bacia Hidrográfica dos Ribeirões São José, Capitão e São Domingos; e Lumiar e São Pedro da Serra, localizados na Bacia Hidrográfica do Rio Macaé (fig.5 e fig.6). Estes distritos se dividem em unidades de planejamento e bairros.

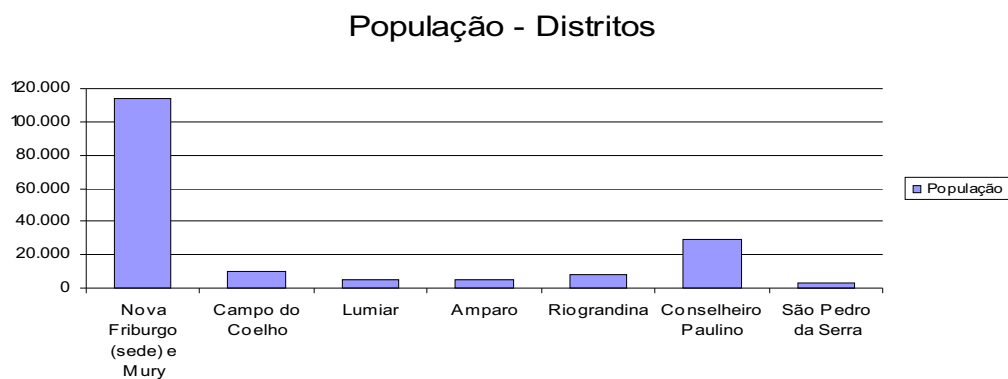


Fig. 5 – Gráfico de População por Distritos. Nota-se o predomínio da população localizada na Sede.

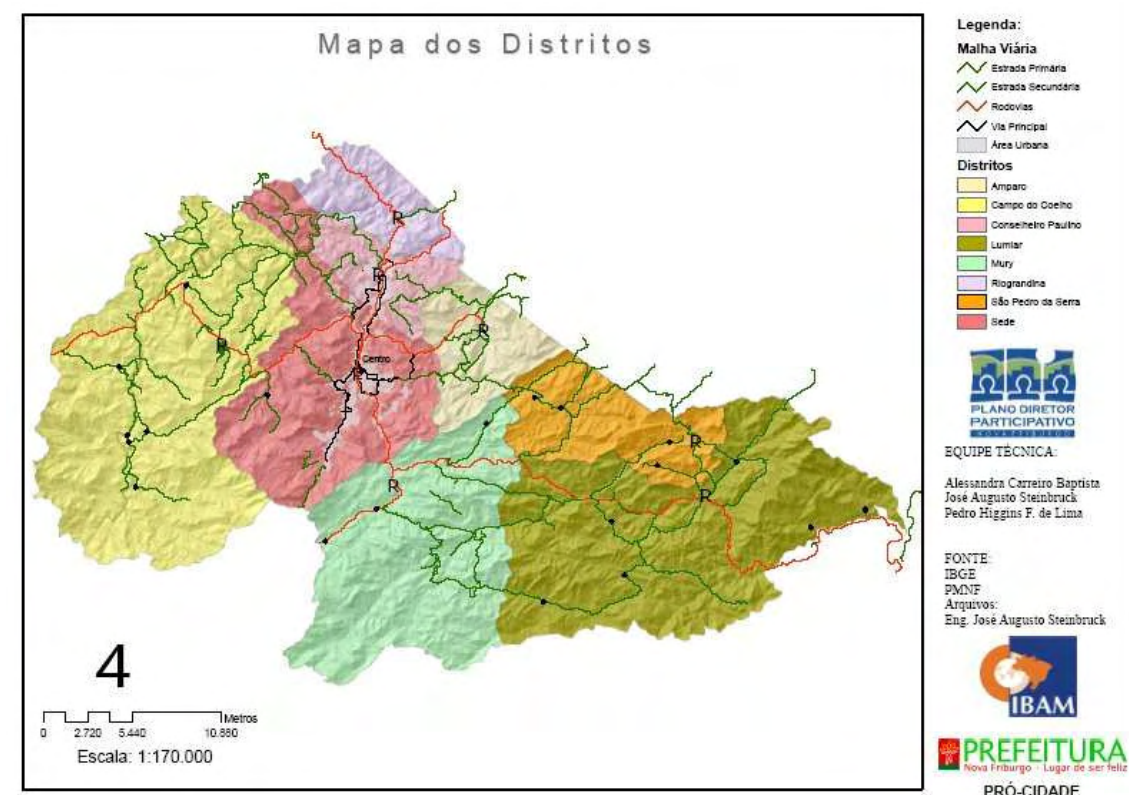


Fig. 6 – Mapa dos Distritos de Nova Friburgo.

Fonte: Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.

O Plano Diretor da Cidade desenvolvido em 2006/2007 utilizou-se da divisão das bacias hidrográficas da região para analisar e especificar diretrizes para a cidade. Dentro da análise feita aferiram-se as seguintes porcentagens populacionais: (tab. 01 e fig.7)

Bacia Hidrográfica	População (%)	Observações
Do Rio Bengalas e dos Ribeirões São José, Capitão e São Domingos	Mais de 85%	Totalmente urbana
Do Rio Macaé	Menos de 5%	Área de Unidade de Conservação Ambiental.  Maiores conflitos entre proteção ambiental, regulamento do uso e ocupação do solo e demandas sociais.
Do Alto do Rio Grande	10%	Predominantemente rural

Tab. 01 – Porcentagem populacional das bacias hidrográficas do município de Nova Friburgo

### Bacias Hidrográficas - População Urbana x Rural

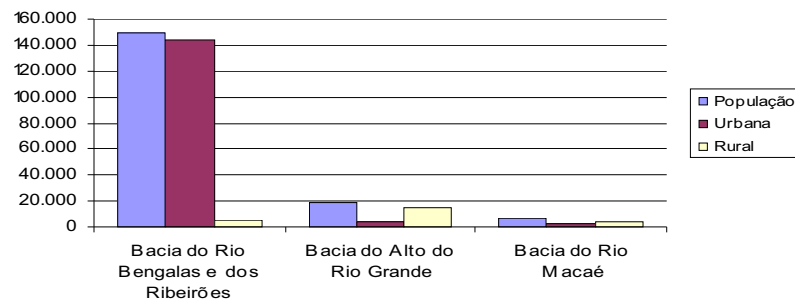


Fig.7 – Gráfico de População Urbana x Rural nas bacias hidrográficas.

Por esta cidade apresentar uma área de 938,5 km<sup>2</sup>, o objeto de pesquisa sofrerá um recorte se atendo apenas à forma do centro da cidade (fig.8, e fig.9), recorrendo ao restante apenas como comparativo e complemento a ela.

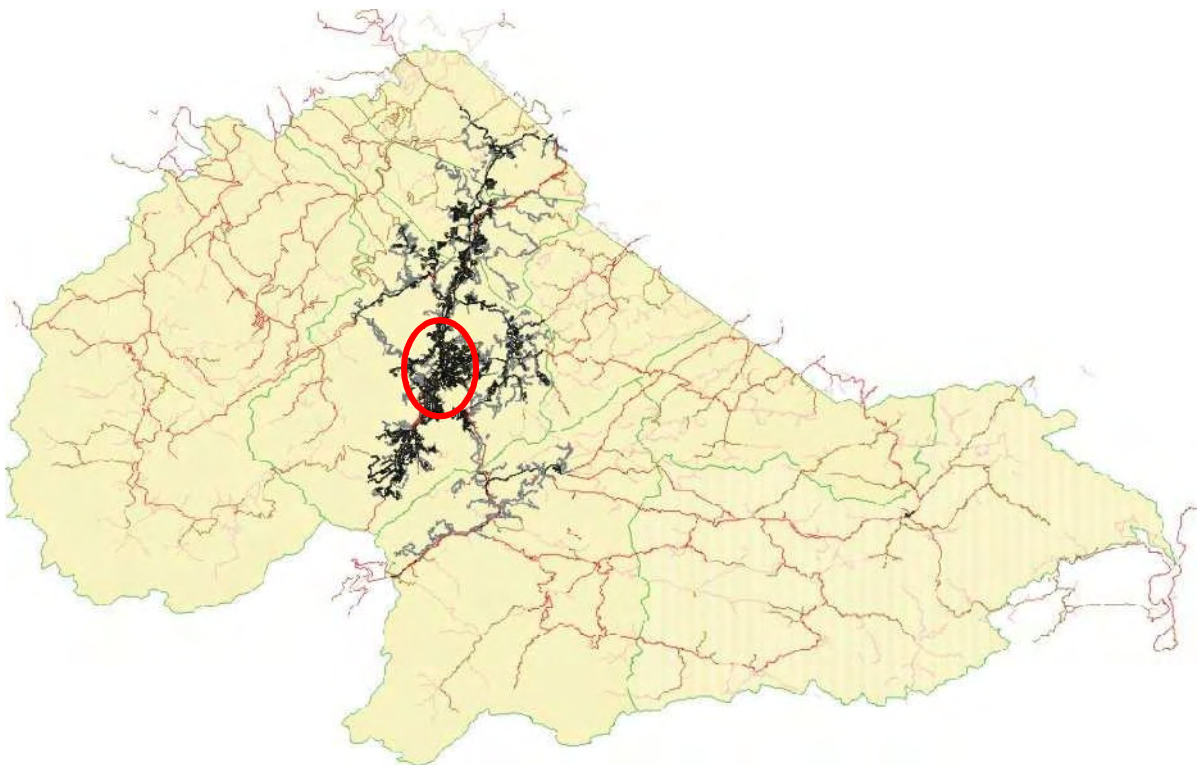


Fig. 8 – Mapa dos eixos viários do município de Nova Friburgo com a demarcação da área de estudo.

Fonte: Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.

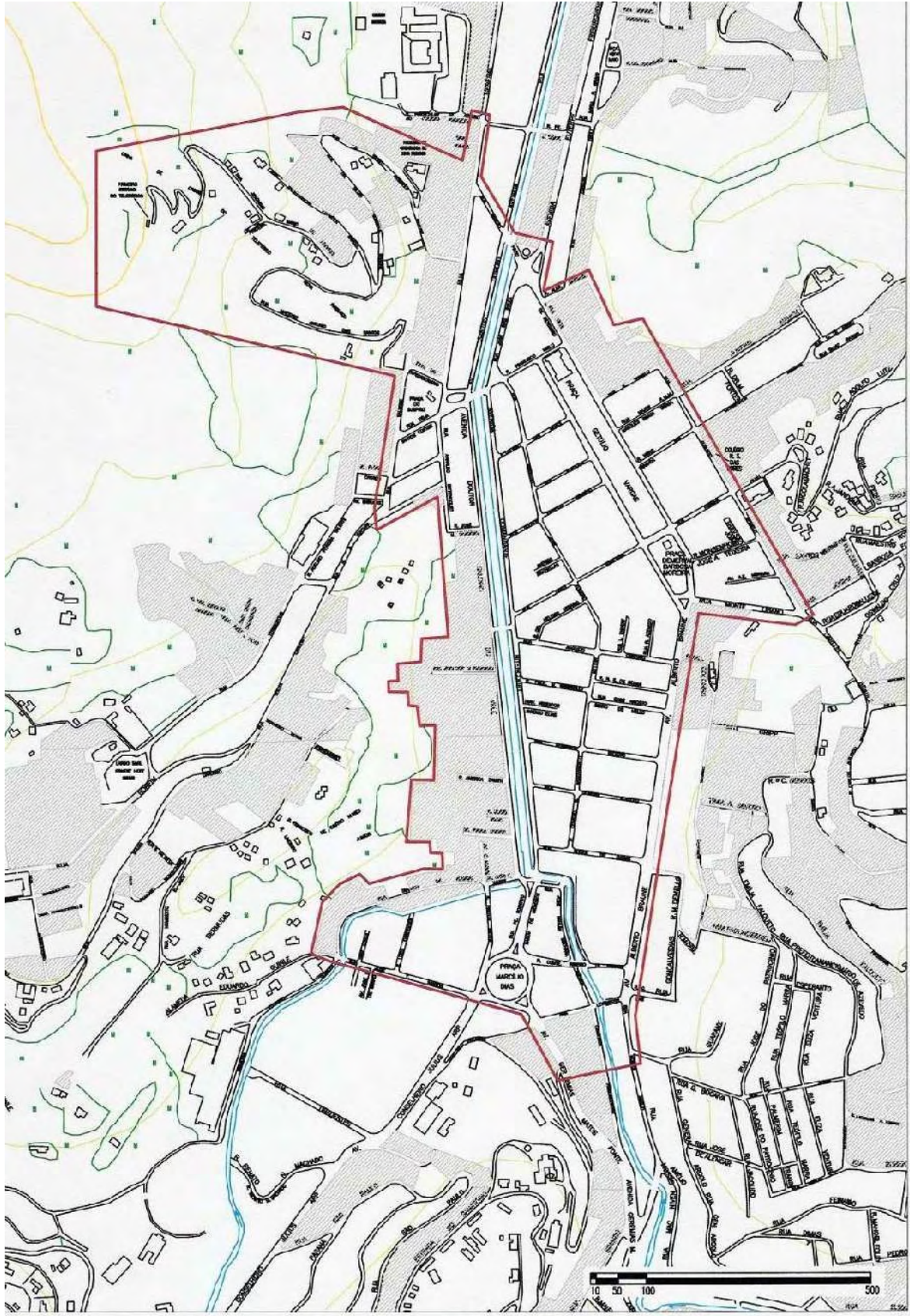


Fig. 9 – Mapa de demarcação do objeto de estudo - Centro de Nova Friburgo.

Fonte: Planta cadastral município Nova Friburgo - Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.

A escolha da área do recorte se justifica pela importância do centro para o restante da cidade, além de estar localizado na Sede do Município, local de maior concentração da população. Este espaço central é o ponto de convergência tanto da população da região como do seu entorno, fazendo com que pessoas de seus distritos e também de alguns municípios vizinhos se desloquem para esta região em busca de atividades e serviços não existentes em suas localidades.

Como uma forma de apenas ilustrar a área trabalhada, facilitando assim a melhor visualização do espaço por leitores que não conhecem a cidade, é apresentado um mapa com imagens referentes a alguns pontos da cidade (fig.10).

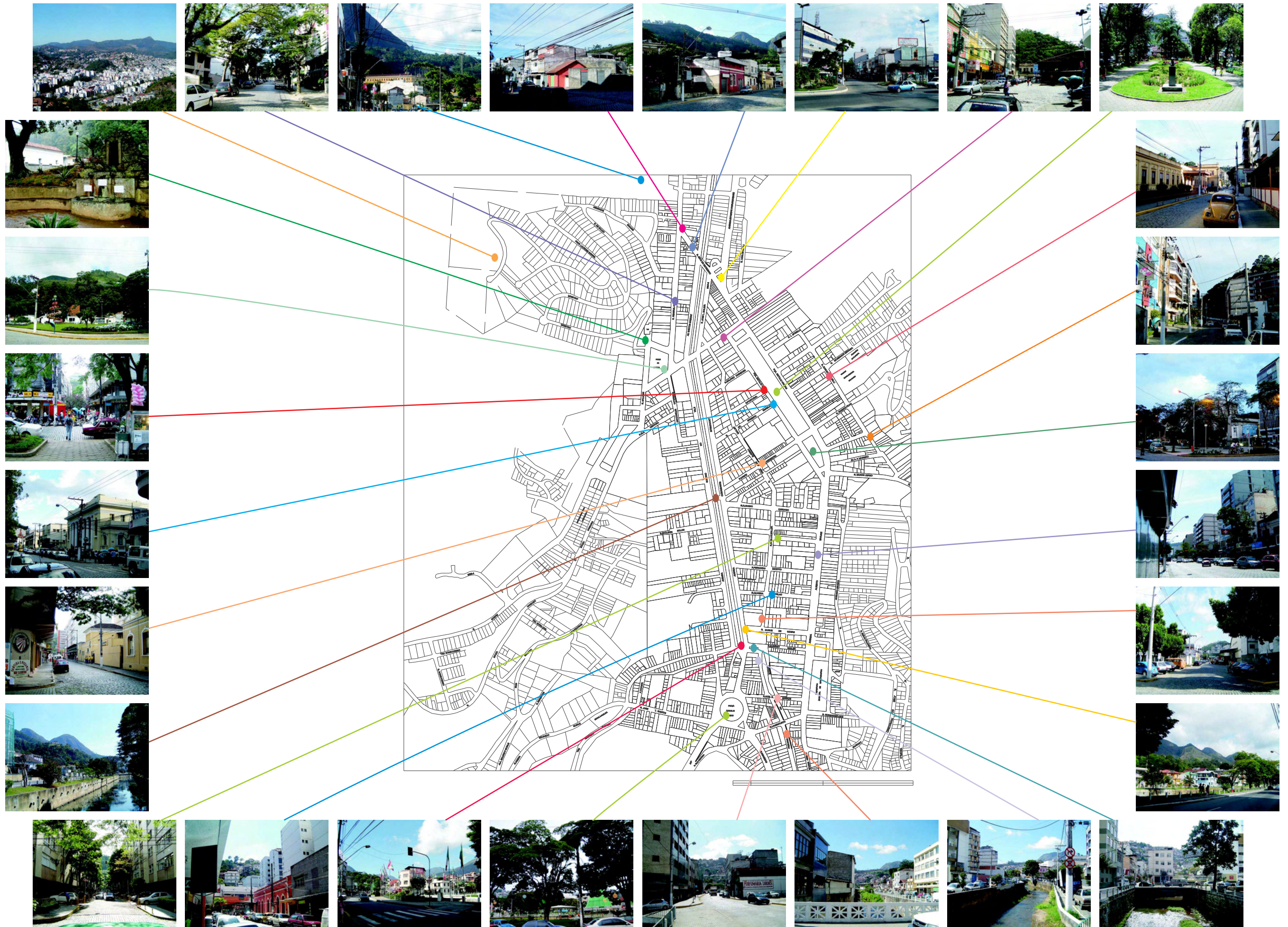


Fig.10 – Ilustração da área de estudo

Fonte: Secretaria de Fazenda do Município de Nova Friburgo – Org.: DUARTE, Fernanda.